

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
TEATRO LICENCIATURA

Marcia Eduarda Duarte

**ISSO NÃO É UM CONTO DE FADAS:  
TEATRO E FOLCLORE BRASILEIRO**

Santa Maria, RS  
2022

**Marcia Eduarda Duarte**

**ISSO NÃO É UM CONTO DE FADAS:  
TEATRO E FOLCLORE BRASILEIRO**

Trabalho apresentado na Disciplina de Trabalho de  
Conclusão de Curso II do Curso de Teatro Licenciatura  
da Universidade Federal de Santa Maria.

Docente Orientadora: Camila Borges dos Santos  
Docente Co-orientadora: Cândice Moura Lorenzoni

Santa Maria, RS  
2022

*Isso não é um conto de fadas*



Folheto Explicativo

*Dedico este trabalho à Marcia Eduarda criança, com 10 anos, que um dia enquanto assistia novela com seu avô Marcondes apontou para a TV e disse: “-Vô, quando eu crescer eu quero ser atriz!”*

*Obrigada por não ter desistido.*



# **ISSO NÃO É UM CONTO DE FADAS: TEATRO E FOLCLORE BRASILEIRO**

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta a criação de um caderno didático para teatro. O tema aborda o teatro e o folclore brasileiros, usados na criação de material didático para aulas e oficinas de teatro com jovens. Por meio do teatro-educação e da cultura brasileira, buscou-se criar memória cultural e artística, em espaços formais e não formais, entre estudantes de 15 a 18 anos. A partir da seleção de alguns personagens folclóricos, foram escritas dramaturgias. Estas dramaturgias foram costuradas às teorias e práticas teatrais. Essa semente foi plantada para que professores e professoras da área do teatro e das artes no geral possam utilizar deste caderno didático teatral, para alimentar suas aulas e proporcionar aos(as) estudantes novas visões e caminhos sobre a arte da cena.

**Palavras-Chave:** Livro didático. Teatro-educação. Folclore brasileiro.

# **ESTO NO ES UN CUENTO DE HADAS: TEATRO Y FOLCLORE BRASILEÑO**

## **RESUMEN**

Este trabajo presenta la creación de un cuaderno didáctico para el teatro. El tema aborda el teatro y el folclore brasileños, utilizados en la creación de material didáctico para clases y talleres de teatro con jóvenes. Por medio de la educación teatral y la cultura brasileña, buscamos crear memoria cultural y artística, en espacios formales y no formales, entre estudiantes de 15 a 18 años. A partir de la selección de algunos personajes folclóricos, se escribieron dramaturgias. Estas dramaturgias fueron cosidas a teorías y prácticas teatrales. Esta semilla se plantó para que los docentes en el campo del teatro y las artes en general puedan utilizar este libro de texto teatral para alimentar sus clases y brindar a los estudiantes nuevas visiones y caminos sobre el arte de la escena.

**Palabras clave:** Libro de texto. Teatro-educación. Folclore brasileño.

## INTRODUÇÃO

O presente material didático trata-se da realização do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Camila Borges dos Santos, e co-orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cândice Lorenzoni e a Prof<sup>a</sup> Tatiana Vinadé.

O tema aborda o teatro e folclore brasileiros na criação de material didático para jovens entre 15 e 18 anos. Essa produção será importante para a criação de memória cultural e artística no campo da arte da cena, tanto na escola, quanto em cursos e oficinas formais e não-formais de teatro. Espera-se que, a partir do contexto cultural, teatral e folclórico brasileiro, seja possível construir uma narrativa permeada por dramaturgias e exercícios cênicos. Esse caderno didático destina-se para o uso de professores(as) de teatro, e também professores(as) de arte, que buscam trabalhar com a linguagem cênica em suas aulas ou oficinas.

As práticas propostas caminharão por uma trilha onde poderemos conversar sobre expressão, representação, encenação e história. Tudo isso costurado com dramaturgias protagonizadas por criaturas lendárias, ao longo de quatro capítulos

As dramaturgias aqui apresentadas são inspiradas em lendas folclóricas presentes na cultura popular do Brasil. São histórias que foram sendo transmitidas de geração em geração, e registradas no nosso imaginário. Nossa poética será narrada por quatro personagens: A Cuca Feiticeira do Ar, A Iara Mãe das Águas, A Mula-sem-cabeça Guardiã do Fogo, e a Caipora Protetora da Terra. Todas elas serão conduzidas pela Bruxa-Fada-Borboleta Contadora de Histórias. Uma velha criatura mágica que guarda todas as histórias existentes no Brasil na flor de seu chapéu.

Para compor a poética dessa escrita, a visualidade vem a ser uma parte importante e afetuosa para o processo. Assim, todas as ilustrações aqui apresentadas, foram criadas pela artista visual Liviê Cocco, estudante de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, e que ajudam a compor este estudo e estas memórias.



## **SOBRE “ISSO NÃO É UM CONTO DE FADAS”**

Neste momento abduco de formalidades e me coloco em uma escrita pessoal para falar sobre esse trabalho. Tudo começou com o resgate de minhas próprias memórias e vivências em relação ao teatro, e a partir do gosto por histórias, por escrever e pelo teatro brasileiro, foram surgindo diversas possibilidades para a realização desse trabalho. Preciso confessar que sou muito polvo e tive dificuldade em tomar várias das decisões necessárias para este processo. Muitas coisas precisaram ser descartadas, e mesmo assim, cheguei ao final sem ter conseguido fazer tudo que eu queria. Mas, vamos por partes.

O foco principal era produzir um caderno de teatro, e a temática seria o folclore brasileiro. Trabalhar na pesquisa e construção das dramaturgias que seriam apresentadas, foi a parte mais prazerosa da criação. Se eu pudesse voltar no tempo, aumentaria o foco nessa parte, e faria mais sobre isso. Mas, em algum momento precisamos parar de escrever e fazer a entrega. E faço essa entrega com o coração na mão, pois eu queria mais tempo para fazer mais. Porém, não é possível, e estou me conformando com isso.

Em um primeiro momento, pensei que esse material poderia ser uma referência interessante para ser usada na elaboração de uma aula de teatro, dentro da disciplina de arte, na escola formal, por professores de artes, que nem sempre tem alguma formação em teatro, mas precisam falar sobre o assunto. Porém, ao longo da escrita comecei a elaborar mais esse pensamento, e percebi que também poderia ser usado por professores de teatro em oficinas ou espaços não formais.

Tive uma experiência com isso, que ampliou meus horizontes. Foi na disciplina de Estágio Supervisionado de Docência em Teatro III, onde ministrei oficinas em uma turma de meninas do curso livre de teatro, da Escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel, na cidade de Erechim/RS. Pensei naquelas meninas muitas vezes enquanto escrevia, e pensei muito nas potencialidades que esse material teria se também ocupasse esse espaço. Foi aí que os olhares se expandiram, e comecei a refletir sobre os lugares onde o público alvo, que são jovens, poderiam estar, e que poderia haver interesse em experimentar a arte do teatro.

Eu almejava colocar muitos assuntos dentro desse caderno, porquê me imaginava falando sobre tudo isso em uma sala de aula. No fim, percebi que a professora em quem eu pensava enquanto escrevia era eu mesma, e também meus colegas de curso. Espero que esse fato não tenha influenciado negativamente no resultado do material. Ao longo das pesquisas e seleções de práticas, lembrei-me de minha mãe que sempre diz: “Você está tentando colocar

Porto Alegre em Erechim”. E ela está certa. Não coube 50% de tudo que eu queria colocar neste caderno didático. Novamente, a vontade é fazer tudo de novo. Mas essa não é uma possibilidade plausível.

Em relação aos exercícios apresentados, busquei por opções nas referências de Augusto Boal e Viola Spolin, as quais me aproximei muito durante os últimos anos. E também, coloquei no papel muitas práticas que experimentei ao longo de minha própria vivência no curso. Algumas nem sempre conseguimos encontrar uma referência exata de onde vem, e escrevê-las me ajudou a registrá-las de alguma forma. Me inspirei muito em Boal nos capítulos 1 e 2, onde procurei falar sobre expressão e representação. Apesar de colher o material de suas obras, muitas vezes busquei escrever os exercícios com minhas próprias palavras, pois vários acabaram passando pelo filtro de minha vivência. O mesmo aconteceu com Viola Spolin, a qual me inspirei na referência para o capítulo 2. Já os capítulos 3 e 4, passaram totalmente pelas minhas próprias vivências como professora de teatro.

Busquei ao máximo refletir sobre as considerações que minha banca examinadora fez no primeiro momento do projeto, e espero ter me aproximado o suficiente de uma resposta positiva para as questões que investiguei ao longo do processo de escrita deste caderno.

Gosto muito de misturar as linguagens artísticas, e trocar ideias com pessoas de outras áreas das artes. Ter a Liviê ao meu lado fez muita diferença. Ela foi a artista que deu vida às personagens que até então só estavam na minha mente, tentando escapar para o texto. Visualizá-las em todas as suas cores e formas ajudou a dar mais sentido ao que eu criava, e consegui acalmar meu coração ansioso, nervoso e medroso.

Ao final de tudo, juntar as partes e costurá-las em algo apresentável foi muito trabalhoso. Montar todo o trabalho foi como montar um quebra-cabeças antigo que falta peças e tem outras peças de outros quebra-cabeças misturadas. Eu realmente quebrei a minha cabeça ao tentar amarrar todos os momentos que passei ao longo desse trabalho de conclusão e páginas que foram escritas.

Por fim, os objetivos se cumpriram. Muitas coisas mudaram e levaram à resultados diferentes dos esperados. Mas, concluo satisfatoriamente esse momento, e estou pronta para encerrar o ciclo desse processo de criação. O caso é que quero me encorajar e me desafiar a começar outras “coisas”, e possivelmente tentar outras possibilidades do fazer “artístico-didático”

Para concluir, a estrutura do caderno didático desenvolvido ficou dividida em dramaturgia e seleção de exercícios e práticas, que compõem quatro capítulos, e finalizam em

um epílogo que busca juntar todas as lendas e encerrar a grande história. E, todos esses momentos são lindamente costurados pelas artes de Liviê, que buscam trazer magia para as composições. Como forma de proporcionar uma experiência de leitura ao entrar em contato com meu trabalho de conclusão de curso, organizei essa caixa contendo: um exemplar impresso do caderno didático de teatro, um folheto, um marca-páginas e itens alusivos às histórias apresentadas.

Embarque nessa viagem e, boa leitura!

## AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo ao meu Mestre, Deus, por ter me dado a vida.

Seguindo, agradeço aos meus pais Maria Helena e Marcio, por terem me colocado no mundo, e por sempre protegerem, apoiarem e incentivarem os meus sonhos, por mais malucos que fossem.

Obrigado pai, pela força e apoio ao longo desses quatro anos de faculdade. Obrigada por sempre ter acreditado em mim.

Obrigado mãe, pela ajuda e incentivo desde o início. Obrigada pelos dias e noites em que ficamos juntas fazendo as coisas que eu sempre deixava para a última hora. Obrigada por costurar meus figurinos, emprestar suas coisas para eu colocar no cenário, e sempre comprar minhas ideias e invenções. Obrigada por sempre ter confiado em mim.

Obrigado Marcos Antônio e Maria Eduarda, por serem os melhores irmãos que eu poderia ter, e sempre estarem ao meu lado. Obrigada por terem aguentado firme quando eu fui para outra cidade, sei que foi difícil, mas vocês se saíram muito bem sem mim.

Obrigado Mateus, por ter segurado a minha mão e me levado pra frente, quando eu mesma achei que não conseguiria mais. Obrigada pelas palavras de incentivo que sempre foram meu combustível. Obrigada pelo amor e companheirismo ao longo desses dois anos. Tenho certeza de que seremos ótimos professores.

Obrigado Diordinis, Douglas, Gabriel, Letícia e Liviê, por serem meus amigos e terem se tornado minha família em Santa Maria. Obrigada pelos momentos difíceis e pelos momentos felizes e inesquecíveis que passamos juntos. Somos um grande time!

Obrigado Liviê, minha melhor amiga e artista favorita por sempre ter embarcado nas minhas viagens criativas. Obrigada por todos os momentos que passamos juntas, pelos choros, risos, lanches, tatuagens, pinturas de cabelo, refeições no RU, encontros no CAL, filas de xerox, enfim. Obrigada por ter cuidado de mim, ter feito comida, deixado eu dormir na sua casa, dormido na minha casa também, e me abraçado no pior momento que passei na minha vida. Você é luz.

Agradeço a minha família que sempre cuidou e se importou comigo.

Obrigado Tio Flávio, por sempre embarcar nas minhas ideias malucas, e me ajudar a colocá-las em prática. Obrigada por sempre perguntar sobre a faculdade quando eu vinha pra Erechim, e me dar várias ideias tão maluquinhas quanto as minhas. Obrigada por ter me dado

a máquina de escrever. Obrigada por ter conseguido as bolinhas que eu precisava pro estágio. Sinto sua falta. Sei que agora você é uma estrela brilhante aí no céu.

Agradeço à todas as professoras que acompanharam minha formação ao longo desses quatro anos no curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria. Obrigado principalmente às minhas orientadoras, Camila, Cândice e Tatiana, e a minha banca de defesa, Fabiana, Marcia e Rossana.

Muito obrigada Camila, pela grande parceria que formamos nesse processo de graduação. Suas orientações e conversas sempre foram muito importantes para mim. Gosto muito de você, e sinto demais a sua falta. Sei que o Santiago terá uma grande e a melhor mãe do mundo.

Entre tantos agradecimentos, dedico um agradecimento especial ao meu Tio, Flávio Vieira dos Santos, uma pessoa muito querida que se foi de nossas vidas cedo demais.

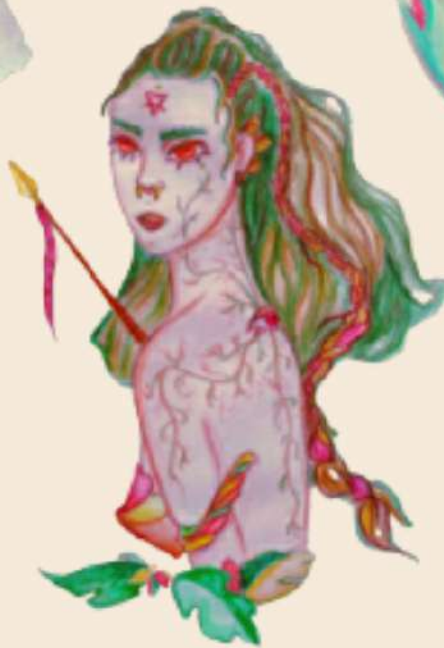
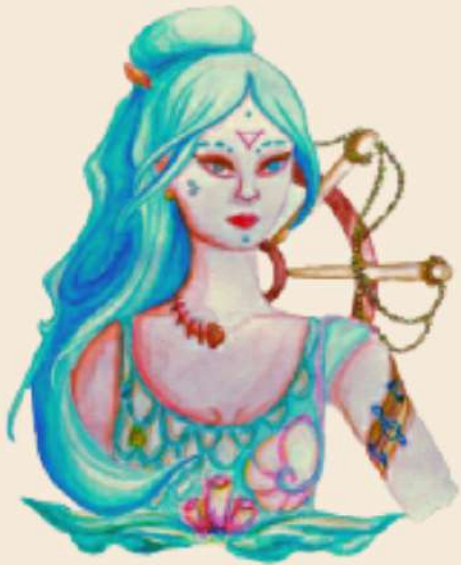
Outro agradecimento ao meu avô materno, que dizia que escola não era lugar de mulher. Bom, sinto muito mas, não só a escola, como a universidade também, é lugar de mulher sim.

Muito obrigada a todas as pessoas que cruzaram meu caminho ao longo desses 21 anos, e que de alguma forma fizeram parte de minha vida.

À vida, o universo e tudo mais, muito obrigada!

#ForaBolsonaro

Isso não é um conto de fadas.



Teatro & Folclore Brasileiro

# APRESENTAÇÃO

Caro(a) Professor(a),

Este Caderno Didático de Teatro foi pensado para você, professor(a) de teatro ou de arte, que busca trabalhar a linguagem cênica e/ou o Folclore Brasileiro em suas aulas ou oficinas. O público alvo deste material são jovens de 15 a 18 anos, que frequentam espaços formais, como a escola, ou não formais, como escolas de arte ou oficinas na comunidade.

Aqui você encontrará assuntos relacionados à dramaturgia, história, expressão corporal e vocal, princípios de representação e encenação. Os conteúdos estruturam-se em quatro capítulos, divididos em dois momentos: Apreciação de uma dramaturgia protagonizada por uma personagem folclórica, e Exercícios, com contextualizações teóricas, e sugestões de atividades práticas;

Vamos lá?

Como dizemos no teatro: *Merda!*

(Significa “Boa sorte”)

**Quando aparecer o símbolo:**



→ Trata-se de uma indicação exclusiva para você, à parte dos enunciados.

**E, quando aparecer o símbolo:**



→ Trata-se da explicação de um termo.

Olá!  
Meu nome é Bruxa-fada-borboleta e  
eu sou uma contadora e guardadora de histórias,  
entre outras coisas...  
Eu vou acompanhar vocês ao longo deste caderno didático!  
Sentem-se, peguem um chá, e preparem-se,  
pois a aventura vai começar!  
Espero que gostem...  
Boa viagem!!!







“A Mãe-Terra nos abriga, nos alimenta, mata nossa sede e nos proporciona a vida. Ela está presente em cada canto, curva, buraco ou montanha desse planeta. Sem pedir nada em troca, ela arrasta os anos, arrasta nossa existência sobre ela. O amor e a gratidão seriam o mínimo a ser feito. O cuidado, a única coisa a retribuir. Mas, com

a criação das sociedades, o que foi que aconteceu? O esquecimento. Mas, justa como é, a lei da natureza não falha. Colhemos unicamente e exclusivamente o que plantamos. E agora estamos em risco. Ela está em risco. E nosso pedaço de Terra ao sul do Globo, colonizado, saqueado, abusado, destruído. Estaria este país condenado? A brasa arde em nossos corações, a vontade de falar não cala mais no peito. Porque você devia saber que não pode comer seu dinheiro, quando a última árvore tiver caído, e os rios estiverem secos, você não poderá comer dinheiro<sup>1</sup>. Quando se trata deste solo batizado de Brasil, a alma/espírito de nossa mãe natureza pode ser encontrada em nossa cultura, passada de geração para geração, mais especificamente no folclore brasileiro. Por meio de personagens místicos enxergamos as partes da história de alma de nossa mãe. A Mãe-Terra. A Mãe-Natureza. Desde o início dos tempos, quando tudo foi criado, há mais tempo do que somos capazes de imaginar, foram construídas quatro joias preciosas. Conhecidas hoje como ar, água, fogo e terra. Para guardá-las e protegê-las, a fim de garantir sua existência no planeta, nasceram quatro seres mágicos, guardiãs dos quatro elementos. São elas: A Feiticeira do Ar, A Mãe da Águas, A Guardiã do Fogo e a Protetora da Terra. Por aqui, no hemisfério Sul do mundo, podemos chamá-las como são conhecidas pelas pessoas: A Cuca, A Iara, A Mula-sem-cabeça e a Caipora.”

*(Acendem-se as luzes)*

---

<sup>1</sup> Inspirado na tradução da música “The Seed”, da artista Aurora.  
Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Mc\\_OM5oNA8](https://www.youtube.com/watch?v=_Mc_OM5oNA8)



### **Professor(a):**

É interessante sugerir para os alunos que criem uma forma de registrar os encontros. A memória é algo importante para a arte. Uma indicação criativa é a confecção de um **“Diário de Aula”**. Esse caderno é muito usado por atores e diretores, também chamado de “Diário de Artista”, “Diário de Ator/atriz”, “Diário de Campo”, entre outras nomenclaturas.

Ele funciona da seguinte forma:

- São registrados todos os encontros com data e local.
- Pode-se começar descrevendo o que aconteceu naquele dia, de forma bem pessoal, igual a um diário secreto.
- Juntamente com essas descrições, vêm comentários e observações, como: “O que eu senti quando fiz esse exercício?”, “O que foi positivo?”, “O que foi negativo?”, “O que eu gostaria que fosse diferente?”, “O que eu não consegui fazer? E por quê?”, “O que eu mais me identifiquei?”, “Quais foram as associações, pensamentos ou memórias que eu tive ao longo desse tempo?”, entre outras questões que podem ser abordadas.
- Pode ser usado a escrita pessoal, assim como anexados, músicas, poemas, outros textos/histórias, etc. E também imagens, desenhos, pinturas, colagens, dobraduras, entre outros, são muito bem-vindos!

O objetivo é criar um memorial artístico, que pode ser consultado ao final de todos os encontros do processo. É importante que somente o(a) professor(a) leia esses relatos, a fim de o estudante se sentir mais confortável e livre para se expressar. Pode ser combinado um momento de compartilhamento, onde cada pessoa expõe apenas o que sente vontade, ou construído uma exposição em outro formato. Tudo com o consentimento de todas as pessoas envolvidas.

O importante é que esse trabalho seja criado de forma livre, sem a preocupação de certo ou errado. Uma forma de criação de memória cultural e também de manifestação artística.



# Capítulo 1



# *Cuca, a Feiticeira do Ar*

## **CENA 1**

*Uma fogueira. Ao redor dela mulheres cantam, dançam e batem palmas movimentando-se ao seu redor. Elas usam vestes leves e brancas, e flores nos cabelos. O ritmo dos passos começa devagar e vai aumentando gradativamente. Até que para de súbito. (Blackout.)*

*Voz em off:* -Nós existimos desde o início de tudo. E quando foi isso? Há muito muito muito tempo. *(pausa)* A cada mil anos nasce uma Cuca. E em cada vez ela evolui um pouco, modificando-se e podendo assumir novas formas, ou até novos poderes. MAS QUE RAIOS É UMA CUCA?

*A luz vai acendendo-se gradativamente, em cena uma mulher velha usando uma veste preta com capuz, está acendendo velas dentro de abóboras.*

Mulher velha: -Há muitas versões diferentes do surgimento de nossa história, e talvez seja essa a intenção, que ninguém saiba a verdade. Cada pessoa acredita no que quer acreditar, e mesmo que eu soubesse a verdade sobre a nossa origem, não te contaria. *(Vai em direção ao que parece ser uma pequena cama ou um ninho)* Vejam só, está quase na hora... é preciso que todas acendam abóboras para anunciar sua chegada... Quando os sinos soarem doze badaladas...

*Uma mulher entra correndo em cena, usando uma roupa muito parecida com a da velha. Ela está ofegante.*

-Senhora, senhora, senhora! Capturaram ela...

-Como?

-Eles... eles a levaram. Estavam indo em direção à praça. Algumas viram que ela já está amarrada, logo as pessoas vão começar a chegar... Vim correndo lhe chamar... Todas já estão sentindo...

-Precisamos ir! Depressa!

-E o ovo?

-Não se preocupe, aqui está seguro. Acredite, ela não estará sozinha.

*As duas saem correndo da cena. (Blackout).*

*Voz em off:* As cucas são feiticeiras metamorfos e muito poderosas. Foram criadas para guardar e proteger a jóia do ar. Costumam morar em cavernas ou casas de madeira no fundo de florestas. Cultivam sua horta, cuidam de seus animais, criam seus objetos, fazem suas consagrações e rituais. Reza a lenda que antigamente, as cucas ficavam vigiando as casas onde moravam crianças, escondendo-se em cima do telhado, e que aquelas que não se comportavam ou dormiam no horário certo, eram sequestradas e devoradas. Mas a realidade nos dias de hoje é outra...

## **CENA 2**

*Acende-se a luz aos poucos, em cena um caldeirão pequeno, uma mesa com objetos mágicos, uma pequena prateleira com livros e vidros, chás pendurados no teto, e uma poltrona. Ouve-se um miado. Entra em cena uma jovem, usando um macacão preto e um chapéu roxo. Está acendendo incensos no lugar.*

*Cuca:* -Dorme neném, que a cuca vem pegar, papai foi na roça, mamãe foi trabalhar... Dorme neném, bicho não tem, papai foi embora e mamãe logo vem... *(tira o chapéu e senta na cadeira jogando-se cansada).*

*(Olhando para cima)* -Eu não aguento mais!!! *(bufa)* Todo dia é a mesma coisa. Ai porque você é do diabo, ai porque você vai queimar no fogo do inferno. Gente!!! *(inclina-se olhando para a frente)* Eu nem acredito em diabo e inferno. Não faço mal a ninguém, cuido de minhas plantinhas e animaizinhos e fico na minha. Eu só quero manter a tradição das minhas crenças e de meus ancestrais. Mas eu estou can-sa-da. *(pausa)*

*(Levanta-se, anda até o caldeirão e começa a jogar coisas dentro dele irritada)* -Agora reclamam por aí que eu tô muito revoltada atacando as pessoas. Mas é que já acabaram com a minha paciência. Se toda essa perturbação fosse com a minha vó, ela já teria lançado uns bons feitiços nessa gente, ou até colocado na fogueira quem tentasse queimá-la primeiro. *(faz movimentos para cima, ouve-se um trovão)* *(para, fecha os olhos e respira fundo algumas vezes)* Cuca, Cuquinha vamos lá acalme-se. *(pega um incenso)* limpa, limpa, limpa...

*(vai até a mesa e pega algumas cartas dali)* -Antigamente nos temiam, nos perseguiram, nos queimavam, capturavam até quem era inocente. Hoje as coisas mudaram, posso dizer que tive

sorte, mas mesmo assim, muitos humanos continuam sendo o incômodo que sempre foram.  
(*vai passando as cartas*) (*pega uma e abre*).

-Olha só, que coisa boa receber notícias de minhas amigas...

*Voz em off*: -Querida amiga Cuca, queria poder trazer boas notícias, mas aconteceu de novo...  
(*Cuca fecha a carta*)

-Eu sabia que ela corria perigo, sabia... nem bruxa é, e mesmo assim teve sua casa invadida...  
E não é a primeira vez... Pessoas que se acham no direito de adentrar um espaço sagrado de  
alguém e destruir tudo, só porque não acredita nas mesmas coisas. Eu mesma já tive minha  
casa invadida algumas vezes, e é por isso que me encho de proteções hoje em dia.

(*Pega outra carta e lê*) -Aceitaram meu artigo! (*senta-se em uma cadeira na mesa*) -Isso é  
ótimo... Todo mundo acha que sou uma pesquisadora de lendas folclóricas brasileiras pelos  
registros que guardo, mal sabem eles que eu sou a própria lenda... e não estou sozinha por  
aqui... (*respira profundamente*).

(*Barulho de vento forte*) -Pelo visto vem chuva vindo aí... que benção. (*barulho de trovão*)  
Pelo visto hoje podemos ter até um temporal... (*Pega sua bola de cristal e começa a observá-  
la, fazendo movimentos sobre ela com uma pena nas mãos*). -O Sabá de Samhain (*lê-se  
souein*) está se aproximando, isso significa que o Sol está em Escorpião, o que quer dizer que  
logo será meu aniversário... (*respira fundo soltando os ombros*) Ai ai, eu não sei o que sentir  
em relação à aniversários, ainda não me decidi... pelo menos tenho centenas de anos pela  
frente pra pensar no assunto. Bom, antes de começar a decoração das festividades, vou tirar  
uma carta para este momento que para mim pode ser considerado um novo ano.

*Levanta-se, vai até a prateleira e pega uma pequena caixa de madeira, volta a sentar-  
se. Quando ela abre a caixa, um vento forte sopra no ambiente e alguns papéis voam da  
caixinha. Retira da caixa um baralho, embaralha e espalha as cartas na mesa. Respira fundo,  
fecha os olhos e passa a mão sobre as cartas. Escolhe uma e a ergue, observando.*

-Huumm, vejamos o que saiu aqui... Sacerdotisa. Isso significa mudanças... pode ser  
oscilações, subidas, descidas, perdas, ganhos... Bom, é um momento de usar a intuição para  
alcançar objetivos... em um sentido negativo pode significar rancor, hipocrisia, indiferença,  
fanatismo, preguiça ou atrasos... melhor ficar atenta.

*Guarda as cartas e fecha a caixa. Anda até a poltrona e deita-se fechando os olhos.  
De repente, uma rajada de vento forte sopra uma carta até próximo da Cuca. Ela pega a  
carta no chão, olha, levanta-se assustada.*

-Ai minha deusa, ai ai ai! Mais uma criança (*levanta-se rapidamente*) Eu preciso ir até lá  
rapidamente, se o que minha prima Cuca escreveu aqui for verdade, temos um pequeno ser

indefeso para proteger. *(vai rapidamente até a “porta”, para, olha para o público pela primeira vez)* -Aliás, aquela história da Cuca ficar na janela, não é pra vigiar criança “desobediente” não, a gente tá de olho é na família... não gostamos nem um pouquinho de covardia... então acho bom você respeitar as suas crianças. *(Sai de cena. Som de trovão. Blackout)*.

### **CENA 3**

*O cenário representa a frente da casa de Cuca. Uma pessoa usando uma veste preta com capuz está sentada, esperando-a. Um gato entra em cena, passeia pelo espaço e vai até a pessoa, desconfiado. O gato senta do lado da pessoa, e ela faz carinho nele.*

Pessoa não-identificada: -Olá gatinho, me diga, onde está a Cuca?

*O gato mia e sai correndo de cena. No mesmo instante, Cuca entra pelo mesmo lugar que ele saiu.*

Pessoa não-identificada: -Ótimo truque. Gostei dessa sua versão de se transfigurar em gato, ou melhor gata...

Cuca: -Quem é você? O que faz aqui? Acho melhor ir embora.

Pessoa não-identificada: -Fique tranquila. Não vim causar mal. Eu preciso de você. *(puxa de dentro de suas vestes uma pequena caixa)* Acredito que conhece isso, não é mesmo?

Cuca: -Certo, certo, isso tá muito estranho, calma lá... onde e como conseguiu isso? O que quer de mim?

Pessoa não-identificada: -Existem outras. Precisamos achá-las e resgatá-las. E é aí que você... nós entramos.

*(Blackout)*



# EXERCÍCIOS

## 1- Debatendo a temática.

→ Na dramaturgia que acabamos de ler podemos observar algumas temáticas.



*Questione: Quais são elas?*

Entre elas, a personagem aponta uma prática preconceituosa, conhecida como intolerância religiosa.

Mas, o que é *intolerância religiosa*?

A intolerância religiosa, é o preconceito, a violência e discriminação contra outras religiões que divergem do ideal cristão ou do senso comum geral.

→ Volte ao texto e selecione trechos onde, na sua opinião, podemos perceber um exemplo de intolerância religiosa. Converse sobre eles com seus colegas.



*Professor(a), promova um momento de debate sobre o assunto. Organize uma roda de conversa. Para isso, peça aos estudantes que sentem em círculo, podendo ser em cadeiras, no chão ou até buscando um local diferente da sala de aula, como for mais confortável para a turma. Acesse um canal de notícias e selecione algumas matérias que falem sobre o assunto. Leia essas notícias com a turma e busque promover uma reflexão acerca da temática.*



Exemplos de sites:

<<https://istoe.com.br/tag/intolerancia-religiosa/>>

<<https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/intolerancia-religiosa/>>

→ É interessante que os estudantes escrevam um pensamento sobre o assunto, colocando sua opinião no papel, em no máximo 20 a 30 linhas. Dessa forma, você poderá perceber como o conteúdo repercutiu neles, assim como direcionar o trabalho com a temática.

---

## 2- Expressão Corporal e Vocal.

Um dos fundamentos do teatro é a expressão corporal e vocal. Significa o movimento do corpo e o movimento da voz. Trabalhar isso é essencial para o teatro.

Antes de qualquer prática teatral é necessário se preparar. Assim como jogadores, atletas, dançarinos se preparam, artistas de teatro precisam preparar seu corpo e voz. Estudantes em uma aula ou oficina também devem elevar essa atenção ao seu corpo e voz.



O principal material necessário para uso no teatro é o corpo. A primeira lição sobre o corpo é: cuidado e respeito. Cuide e respeite seu corpo. Cuide e respeite o corpo do outro.



*Professor(a): Antes de iniciar cada prática é importante dizer para os alunos que eles reconheçam seus limites e se movimentem com calma e atenção, nem todo mundo conseguirá fazer todos os exercícios do mesmo jeito. Cada um fará como consegue e até onde consegue, e está tudo bem. O corpo tem limites. Por exemplo, em um alongamento de perna, haverá quem alcance os pés e quem só alcance o joelho. Ressalte que isso não é um problema. E que cada pessoa se concentre até onde consegue ir.*

*Enfatize também o respeito com o corpo do outro. O consentimento do toque. Um olhar empático. Pode acontecer de uma pessoa rir da outra pela forma como ela se exercita. Se necessário, pare o exercício e reforce que não devem desrespeitar o corpo e vivência alheia.*

---



## **PRÁTICAS...**

### **1- Espreguiçar**

→ Ação de acordar o corpo. Movimentando, abrindo e expandindo as partes do corpo. Começar deitado. Depois sentado. Por fim, em pé. A sequência de levantar-se deve ser lenta, sempre usando os apoios do corpo e desenrolando a coluna de baixo para cima, sendo que a cabeça será a última coisa a levantar.

→ Experimentar descer e subir o corpo do chão, em forma de espiral, atentando-se ao movimento da coluna.

### **2- Respirar**

*“A respiração deve ser um ato de todo o corpo.” (BOAL 1997, p. 61)*

→ Movimentos respiratórios: respiração completa (inspirando e expirando profundamente, enchendo de baixo para cima, barriga, costela, peito), com as mãos sobre o abdômen, depois costelas, depois ombros, e depois com as mãos para cima.

→ Sequência:

A) Deitado;

B) Inclinado em uma parede apoiando-se com as mãos;

C) Em pé parado;

D) Inspirar lento por uma narina de cada vez (inspira direita, expira esquerda, por exemplo);

E) Inspirar. Expirar com violência produzindo um som de grito;

F) Inspirando e expirando, levantando e encolhendo o corpo;

G) Respirar em um ritmo;

H) Respirar com rapidez;

- I) Expirar emitindo um som longo;
- J) Respirar pela boca com os dentes cerrados;
- K) Panela de pressão; expirar com a boca e o nariz tapados;
- L) Expirar fazendo um ruído e deixar-se cair, desinflando, relaxando completamente no chão;

### **3- Alongar**

→ Alongamento geral do corpo, parte por parte, mobilizando os músculos e articulações, buscando aliviar tensões e preparar-se para o trabalho.

→ Movimentos para soltar, com braços e pernas, e sacudir. A cada parte que se move projeta-se o som de uma vogal.

→ Sequência de caminhada:

A) Movimentos retos, depois redondos;

B) Movimentos de expansão, depois recolhimento;

C) Todos juntos, alternando. Depois, mais marcha ré;

D) Deslocamento em 5 velocidades: 1-Câmera lenta, 2-Lento, 3-Cotidiano, 4-Rápida, 5-Super rápida (mas não é uma corrida);

→ Menor superfície: Explorar diferentes partes do corpo que podem tocar o chão. As transições devem ser lentas.

### **4- Aquecer a voz**

→ Sequência de aquecimento vocal:

A) Bocejar;

B) Mastigar;

C) Língua, passar nos dentes, mostrar pra fora;

D) Produzir som de “TR” com a língua entre os dentes;

E) Produzir som de “BR” com os lábios;

F) Produzir som de “SI FU CHI”. Primeiro um de cada vez seguidamente, depois um seguido do outro com uma “pausa” ao final da sequência. Observar o movimento do diafragma durante a emissão das sequências;

G) Produzir som de “M” em boca chiusa;

H) Emitir som de vogais em uma respiração;

I) Variar o som das vogais entre o tom agudo e grave;

→ Exercitar a voz após o aquecimento com uma cantiga, observando a respiração e a diferença produzida na voz após o aquecimento vocal. Sugestão de música: “Alecrim Dourado”.

## **5- Aquecer o corpo**

*“A morte endurece todo o corpo, começando pelas articulações. Chaplin, o maior mímico, o bailarino, já não pode dobrar os joelhos. Assim, são bons todos os exercícios que dividem o corpo nas suas partes, nos seus músculos, e aqueles em que se ganha controle cerebral sobre cada músculo e cada parte, tarso, metatarso e dedos, cabeça, tórax, pelve, pernas, braços, face esquerda e direita, etc.” (BOAL 1997, p. 58)*

→ Música e dança: Ritmos brasileiros

*“Alguns ritmos, especialmente brasileiros de origem africana, como o samba, a batucada, a capoeira [...] são excelentes para estimular todos os músculos do corpo. [...] É importante que em todos estes exercícios de aquecimento sempre se comece lentamente. Pouco a pouco os exercícios poderão ser feitos com maior intensidade.” (BOAL 1997, p. 69)*

→ Dança livre: Em deslocamento pelo espaço, os participantes imaginam que seu corpo é um tecido, firme, porém maleável. A partir do estímulo sonoro, movimentam o corpo explorando o ritmo que a música propõe, e ao longo da exploração observam as diferentes velocidades e níveis que a música pode indicar no deslocamento. O mediador do exercício, ao longo dessa dança, indica partes do corpo que irão conduzir o movimento (ex: cabeça, mãos, cotovelos, ombros, peito, quadril, pés, etc);

\*Sugestões de músicas:

“Xique-xique”, Tom zé

“Calor da rua”, Francisco, El Hombre

## **6- Integrar o grupo**

→ Sequência de massagem e descontração: Pode ser feita em uma fila.

*“A massagem feita por um companheiro, significa um sinal de aceitação. Se alguém me cuida é porque me aceita.” (BOAL, 1997, p. 60)*

→ Guiar e ser guiado: Em dupla, uma pessoa é vendada e a outra pessoa a guia para caminhar pelo espaço;

Seguindo o exercício anterior, formam-se duas filas, uma de pessoas vendadas e outras de pessoas não vendadas. As pessoas vendadas tocam a pessoa a sua frente e tentam adivinhar quem é.

→ Exercício de confiança: Em trios, uma pessoa fica no centro, uma na frente dela e a outra atrás. A pessoa do centro deve manter um corpo reto e jogá-lo devagar para frente e depois para trás, e seus colegas devem segurá-la. Os colegas “suporte” iniciam o exercício bem próximos da pessoa “central”, e conforme o desenrolar do exercício vão aumentando gradativamente a distância. Depois trocam-se as posições.

→ Dança ao contrário: Em dupla, de costas, as pessoas entrelaçam-se o braços e tentam dançar (com ou sem música).

→ Sustentação pelas costas: Em duplas, de costas uma para a outra, entrelaçam-se os braços, e uma pessoa tenta erguer a outra, sustentando-a em suas costas.

→ Marionete: Em dupla, onde o colega tocar, determinada parte do corpo deve soltar-se completamente. Pode-se ir aumentando a velocidade.

Variação: Em dupla, conduzir a marionete por fios imaginários.

→ Completar o espaço vazio: Em dupla, uma pessoa se move, e a outra se move junto completando os espaços vazios do corpo da pessoa.

→ Esculpir uma imagem: Em dupla, sem tocar, uma pessoa esculpe uma imagem com o corpo da outra.

→ Roda máxima e mínima: Em círculo, distanciam-se e depois aproximam-se ao máximo. Pode ser usada a voz junto, fazendo sons de acordo com o movimento.

→ Sequência de corridas:

A) Corrida em câmera lenta: Nessa corrida, ganha quem chegar por último;

B) Correr em quatro apoios para frente e depois para trás;

C) Cada pessoa agarra seus tornozelos com as mãos, e tenta correr, pulando como um canguru;

D) Duas pessoas, abraçam-se pela cintura e cruzam as pernas que se tocam, levantando-as do chão. Devem correr, uma com a perna direita, outra com a perna esquerda;

E) Em dupla, segura-se uma bola entre as duas cabeças e tenta-se correr sem deixar a bola cair;

---



**Boca chiusa:** Termo emprestado do italiano. Som produzido de dentro da boca, com ela fechada, mas com um espaço interno, onde os dentes não se tocam, e a língua fica no chão da boca.

**Blackout:** Termo emprestado do inglês, significa quando apaga-se todas as luzes, e o espaço da cena fica totalmente escuro;

**Voz em off:** É uma voz que não está na cena, ou seja, não vem de nenhum personagem que está aparecendo. Ela pode vir de trás das cortinas, do público, entre outros lugares;



# Capítulo 2



# *Iara, a Mãe das Águas*

## **Personagens:**

*Iara sereia;*

*Iara humana;*

*Inaiê, irmã de Iara;*

*Ian, irmão de Iara;*

*Raoni, marido de Iara;*

## **CENA 1**

*O espaço é dividido em duas partes, a frente e atrás. Essa divisão é feita por um voal azul. Atrás do voal há uma grande pedra, onde está sentada uma mulher, com longos cabelos azuis. A metade de cima do seu corpo é humano, já a metade debaixo é uma cauda de peixe. Ela é uma sereia, conhecida como Iara.*

*Iara está sentada de costas, escovando lentamente os cabelos com um pente, e às vezes olha em um pequeno espelho de conchas. Há som de água de rio correndo. Ela canta.*

“Jurei mentiras e sigo sozinha

Assumo os pecados

Os ventos do norte não movem moinhos

E o que me resta é só um gemido

Minha vida, meus mortos, meus

caminhos tortos

Meu sangue latino

Minh'alma cativa

Rompi tratados, traí os ritos

Quebrei a lança, lancei no espaço

Um grito, um desabafo

E o que me importa é não estar vencida

Minha vida, meus mortos, meus caminhos

tortos

Meu sangue latino

Minh'alma cativa”

*Ao final da canção, o som de água cessa, Iara deita-se na pedra e adormece.*



## CENA 2

*Em frente ao voal azul, entra correndo uma moça, Iara, usando um vestido florido e os cabelos trançados, logo atrás vem correndo Inaiê e Ian.*

Ian: -Pegamos você! (*ambos abraçam Iara*) Você pode ser a mais forte de nós três, mas não é tão rápida assim! (*os três riem, e sentam, no que seria a beira de uma praia*).

*Pela outra direção, vem um homem de chapéu, Raoni, que para próximo deles.*

Raoni: -Bom dia moças! Olá Ian, como está a família?

Ian: -Bom dia Raoni! Estamos todos bem lá em casa, e vocês?

Raoni: -Todos bem, graças a Deus. Seu pai está em casa? Eu gostaria de conversar com ele.

Ian: -Está sim. Venha comigo que te levo até ele.

*(Raoni e Ian saem de cena)*

Inaiê: -Você viu irmã? O jeito como ele olhou pra você?

Iara: -Imagina irmã, isso é coisa da sua cabeça.

Inaiê: -Não é não! Ele sempre te olha diferente, não é a primeira vez que noto. Mas você não o acha bonito?

Iara: -Não fale essas coisas que fico envergonhada! Mas... sim, talvez ele seja mesmo um homem bom, educado, atraente...

Inaiê: -Ah você gosta dele! Gosta sim, estou vendo! Será que ele vai pedir sua mão para o nosso pai?

Iara: -Não sei se gosto! Apenas não desgosto. E quem sabe... acho que não seria de todo ruim.

*(Blackout)*

## CENA 3

*Som de flautas. Acende a luz. Raoni e Iara estão vestidos de branco, e passam pelo espaço juntos, felizes e apaixonados. Entram em uma "porta" de uma "cabana", no canto do espaço. (Blackout)*

*Voz em off:* -Essa é a Ilha dos Marinheiros, um lugar calmo, conservador e tranquilo de se viver e formar uma família. Apesar de recheada de mistérios e guardiã de muitos segredos, as pessoas ali pareciam levar uma vida boa. Muitas trabalhavam com a pesca, e outras com o cultivo de certos alimentos.

#### **CENA 4**

*Acende as luzes. De dentro da “cabana” onde Iara e Raoni entraram antes, ouve-se vozes.*

Raoni: -Iara querida, agora que você é minha esposa não precisa mais trabalhar...

Iara: -Mas para mim não é um problema, eu adoro estar na praia...

Raoni: -Eu sei, mas não convém uma mulher casada estar no meio de tantos homens, eu não gosto dessa ideia. E além do mais, você precisa estar em casa, senão quem vai cuidar de tudo? E logo virão nossos filhos... você não quer ter um bebê?

Iara: -É claro que sim, você sabe que meu sonho é ser mãe. Eu só não queria deixar de estar com meus irmãos no mar...

Raoni: -Iara, por favor, é melhor assim.

(Blackout)

*Voz em off:* -Dizem que, aparentemente Iara e Raoni levavam uma vida feliz. Seu casamento já completava alguns anos. As coisas nem sempre eram as melhores, mas ninguém falava nada, as pessoas apenas olhavam. Infelizmente eles ainda não tinham conseguido ter filhos.

#### **CENA 5**

*Acendem-se as luzes. Iara sentada em frente à “porta”, cabisbaixa. Raoni chega com flores nas mãos.*

Raoni: -Iara querida, você está bem? Me desculpe por ontem, eu não devia ter dito aquelas coisas, prometo que nunca mais vai se repetir. Tenho certeza de que em breve você conseguirá gerar meu filho...

(Blackout)

*Voz em off:* -Alguma novidade? Continua se sentindo mal? E seu sangue? Quase duas luas atrasado? Acho que teremos um presentinho aqui.

#### **CENA 6**

*Acendem-se as luzes. Iara está dentro da “cabana” cantarolando. Raoni chega pelo outro lado cambaleando.*

Raoni: -Iara. Iara! IARA!!

Iara: -Olá querido, por que está gritando tanto?

Raoni: -Você é uma vagabunda! Pensa que eu não sei que tem ido à praia sozinha frequentemente?

Iara: -Raoni, sim, é verdade. Mas ouça, não te contei antes porque queria fazer uma surpresa, mas eu tenho ido até lá levar oferendas para Iemanjá, e hoje...

Raoni: -Mentirosa! (*Raoni desfere um tapa no rosto de Iara*)

*Iara chocada entra na “cabana”, Raoni vai atrás. Iara volta segurando um lenço com o qual cobre o corpo.*

Iara: -Eu estou indo embora. Vou para a casa de minha família. Não estou acreditando nisso que está acontecendo.

Raoni: (*vai atrás de Iara e a pega pelo braço*) -Você não vai a lugar nenhum, volte aqui pois vamos ter uma conversa bem séria sua vadia!

Iara: -Me solte, me solte, me...

*Raoni puxa uma faca do casaco e acerta a barriga de Iara. Ela se cala, abre a boca em uma expressão de terror e aos poucos vai deslizando ao chão.*

*(Blackout. Som de metal caindo no chão)*

## **CENA 7**

*Acendem-se as luzes. Iara sereia “em pé” atrás do voal azul que divide o espaço. Iara humana deitada em frente a esse voal divisor. Ambas falam juntas.*

Iara sereia e Iara humana: -Mãe d'água, mãe d'água. Sereia da água doce. Encanto de todas as florestas. Formosa, formosa. Perigo aos ouvidos. Dos homens que te ouvem. Rainha da mata verde. Parenta de iemanjá. Rainha de todo azul. Quem fere teu sentimento. Mais tarde há de pagar. Se apaixonou por teu canto. Que se espalha pelo ar. Preparando o caminho. Do prazer de te abraçar. Iara, sereia, mãe d'água. Enfeitiça a quem te amar. Iara, iara. Leva o corpo desse homem. Que ninguém há de encontrar.

*(Blackout)*

*Voz em off:* -Tive meu corpo lançado ao mar. Jogado aos peixes como se nada fosse. A vida em meu ventre foi se apagando. Porém o mar me devolveu. E sobre mim recaiu o que considero uma maldição. A eternidade. A vingança. A justiça. Virei um ser híbrido, destinado a cantar e encantar, atraindo homens maus que traem e maltratam suas companheiras. Tenho o carma de afogá-los em minhas águas.

## **CENA 8**

*Acendem-se as luzes. Iara está sentada de frente em uma pedra, atrás do voal que divide o espaço. Afaga o ventre e cantarola em boca chiusa. Raoni arrasta-se até ela, tentando alcançá-la, implorando por perdão. Ouve-se barulho de água. Raoni leva a mão ao pescoço. Está se afogando. Quanto mais o canto aumenta, mais ele perde o ar. O ritmo vai aumentando até que o canto pára subitamente, e Raoni cai ao chão sem vida. Apagam-se as luzes e ouve-se somente o som da água.*

## **CENA 9**

*Uma pessoa usando uma veste com capuz preta entra em cena, onde Iara dorme. Ela ergue a mão e estala os dedos. Iara acorda e a olha confusa. A pessoa se aproxima de Iara.*

*Pessoa não-identificada: -É um prazer vê-la, Iara. Eu trouxe algo para você que preciso que cuide para mim (tira das vestes uma pequena caixa).*

*Iara pega a caixa, olha com curiosidade e a abre. Ouve-se o som de uma onda chocando contra as pedras. Iara olha fixamente para a pessoa.*

*(Blackout)*



# EXERCÍCIOS

## 1- Debatendo a temática

→ Na dramaturgia que acabamos de ler podemos observar algumas temáticas.



*Quais são elas?*

**Aquecimento Ideológico:** Aquecer as ideias... (BOAL, 1997, p. 91)

O aquecimento ideológico é uma prática teatral que tem o objetivo de “ligar as ideias”, promovendo conversas, reflexões e debates sobre diversos assuntos.

Esse exercício inicia com um disparador, que pode ser um texto, uma notícia, uma imagem, uma música, entre outros.

Após o contato com o disparador apresentado, todas as pessoas tem um momento para pensar sobre ele, podendo fazer anotações se preferir, e em seguida as impressões e opiniões são compartilhadas com o grupo.



*Professor(a): Para promover um aquecimento ideológico sobre a temática da dramaturgia apresentada anteriormente, por exemplo, pode-se usar a música “Maria da Vila Matilde” de Elza Soares.*

---

## 2- Princípios de representação



Dentro do que conhecemos como “técnicas de representação”, há uma infinidade de possibilidades diferentes de práticas que podem ser trabalhadas. Aqui vou mostrar para você alguns exercícios teatrais que envolvem movimento, ritmo, som, objetos, improvisação e também jogos teatrais.

→ **Aquecimento Emocional:** Aquecer as emoções (BOAL, 1997, p. 93)

O aquecimento emocional é uma prática teatral que tem como objetivo explorar as emoções e sua forma de representá-las. A dinâmica funciona da seguinte forma:

1- Primeiro apresenta-se e estabelece-se o jogo conhecido como “Jogo da bolinha”. O grupo caminha pelo espaço, espalhando-se, e segue andando durante todo o jogo. Inicia-se com uma bolinha sendo jogada de uma pessoa para outra, enquanto é feita a contagem (1, 2, 3...), se alguém deixar a bolinha cair no chão, recomeça a contagem.

2- Na segunda fase, o mediador indica uma emoção (alegria, tristeza, amor, raiva, medo, etc), e os participantes terão que jogar a bolinha e contar os números usando essa emoção.



*Professor(a): Questione os alunos ao longo do exercício com: “Como meu corpo se movimenta com essa emoção?” “Qual é a velocidade da minha ação?” “Como é a forma que eu passo a bola usando essa emoção?” “Como eu uso minha voz?” “Ela muda?” “Fica mais alta, baixa, lenta ou rápida?”*

3- Uma variação desse jogo é usar música. Seleciona-se uma lista de músicas bem ecléticas. O jogo segue o mesmo, mas, em vez de haver uma indicação, os participantes movidos pelos estímulo sonoro, expressam que emoção esse som pode representar.

---



## PRÁTICAS...

### 1- Ritmo:

A) Roda de ritmo e movimento: Um participante vai ao centro e faz um movimento e um som. E vai trocando até todos passarem pelo centro.

Variação: Uma pessoa do círculo começa fazendo um movimento e um som. A segunda pessoa imita o gesto da primeira pessoa, e produz mais um movimento e um som. A terceira pessoa imita o gesto da primeira e segunda, e acrescenta seu movimento e som. E assim, sucessivamente, até chegar na última pessoa, que vai repetir os movimentos e sons de todas as anteriores.

B) Jogo de ritmo e movimento: Formam-se dois grupos. Um grupo começa a produzir um ritmo com movimentos e sons. O segundo grupo tem 30seg para se unificar e reproduzir o ritmo do grupo 1.

C) Criação de ritmo em grupo: Uma pessoa inicia um movimento e um som, e segue com ele. A segunda pessoa deve fazer outro movimento e som, e seguir com ele. E assim, cada pessoa deve ir propondo um movimento e um som e continuar produzindo, até o final. O objetivo é que o grupo crie um ritmo com os movimentos e sons propostos por todas as pessoas.

D) Som e movimento: Formam-se duplas. Um participante faz um movimento, e o segundo participante faz um som para esse movimento. Depois, formam-se dois grupos. Um grupo faz os movimentos, e o outro grupo faz os sons.

E) Ritmo com objeto: Sentados em círculo, cada pessoa possui um objeto, e deve passá-lo para o vizinho criando um ritmo.



*Por exemplo, a brincadeira “Escravos de Jó”. Que pode ser feita antes desse exercício, como teste e/ou exemplo.*

F) Ritmo com diálogo: Formam-se dois grupos. Cada uma possui um “líder”. Será feita uma batalha de ritmos, como se estivessem conversando. O líder propõe um ritmo (4 vezes), o

grupo repete (3 vezes). E então, o outro grupo responde da mesma forma (líder 4 vezes e grupo 3 vezes) com outro ritmo.

G) Tarefas realizadas à distância: Em dupla, os participantes realizam atividades como se estivessem se tocando. Por exemplo: Lutas, esportes, cena de amor, tortura, danças, etc...

Variação: Substitui-se a indicação da tarefa por um som ou música. Movidos pelo estímulo sonoro, os participantes irão fazer uma ação, à distância.

## 2- Relação com objetos:

A) Atmosfera: Uma pessoa esculpe um objeto no ar, e passa-o para o próximo que o modifica, e assim segue, até o objeto chegar no último participante. Observe: O que era no início e o que ficou no final?

B) Descobrir o objeto: De olhos vendados, sem usar as mãos, o participante deve descobrir qual é o objeto. Ele só pode fazer perguntas, e o restante do grupo só pode responder com “sim” ou “não”.

C) Há uma sacola cheia de objetos aleatórios. Um participante sorteia um objeto, e deve transformá-lo em outra coisa (por exemplo: ele tira uma caneta e a transforma em uma antena de rádio, etc). Depois, passa esse mesmo objeto para o participante seguinte, e ele deve transformá-lo em outra coisa, que não seja a primeira. E assim, esse objeto deve passar por todas as pessoas, que o transformarão em outras coisas que não podem se repetir.

## 3- Jogos Teatrais:



“Os jogos teatrais são para o teatro o que o cálculo é para a matemática.” (SPOLIN, 2017, p. 22)

A) Nó: O grupo forma um círculo e observa, quem está a sua direita e quem está a sua esquerda. Depois todos saem andando e se espalham pelo espaço. O mediador indica em algum momento que parem no lugar. Cada pessoa busca dar a mão direita a quem estava a sua



direita e a mão esquerda a quem estava a sua esquerda. Pode se esticar mas não pode sair do lugar. Quando todas as pessoas derem as mãos, estarão em um nó. O objetivo é desenrolar esse nó voltando ao círculo original, mas sem soltar as mãos.

B) Espelho: Em duplas, uma pessoa será a condutora, e a outra será a conduzida. Como um espelho, a pessoa conduzida deve repetir os movimentos que a pessoa condutora fará, como um espelho. Ao sinal do mediador, inverte-se os papéis. É interessante que as pessoas vão trocando a formação da dupla. Variação: O espelho pode ser jogado em grupos de 3, 4, 5 e assim por diante, sendo o desafio final que o grupo inteiro tenha apenas uma pessoa condutora, enquanto as outras pessoas do grupo serão conduzidas todas juntas.

C) Quem sou eu: O grupo escolhe e combina um tema (filmes, séries, desenhos, animações, etc). Uma pessoa sai do espaço, enquanto as outras combinam um personagem para ela, e escrevem o nome desse personagem em um papel. A pessoa que estava fora retorna, e fica com esse pape grudado na testa. O objetivo é que ela tente adivinhar quem ela é, mas para isso só pode fazer perguntas, e o grupo só pode responder com “sim ou não”.

D) Blablação: Em dupla, as pessoas envolvidas conversarão sobre um tema escolhido em uma língua inventada. Ao sinal do mediador, mudarão a língua da conversa para o português, sem perder o fio e o ritmo da discussão. E assim, o mediador dará sinais para os momentos de troca do português para a língua inventada, e vice-versa.

E) Vender: Uma pessoa tentará vender para o grupo algum produto inventado, fazendo um grande anúncio. Variação: A pessoa pode tentar vender esse produto falando em uma língua inventada.

#### 4- Improvisação:



Improvisar significa representar algo sem ensaiar ou preparar antes. Por exemplo, em uma peça teatral, pode acontecer de o ator/atriz esquecer uma fala ou algo inesperado acontecer, o que precisará de um improviso. Mas também há exercícios e jogos de improvisação no teatro.

- A improvisação, de acordo com Viola Spolin, tem três pontos básicos: **O que** (ação), **Quem** (personagem) e **Onde** (lugar), e deve ter um **início**, um **meio com conflito** e um **final**.

→Jogos de improviso:

A) Uma pessoa vai à frente do grupo e faz uma ação sem falas. O grupo tentará descobrir onde ela está e o que está fazendo.

B) O grupo escolherá um lugar. Duas pessoas vão à frente do grupo e iniciarão uma ação nesse lugar. Em algum momento, alguém de fora dirá “transforma”. Nesse momento a cena congela, e quem deu o sinal entrará em cena e mudará completamente a situação e o lugar. E assim, segue até uma próxima pessoa dar o sinal de transforma. No momento em que houver quatro pessoas em cena, a quinta que deu o sinal e irá entrar, deve tirar uma das pessoas da cena. E assim por diante.

C) Duas ou mais pessoas vão à frente do grupo, e o grupo dirá quem elas serão e onde estarão. Então, essas pessoas devem improvisar uma situação, que tenha um início, um conflito e um final.

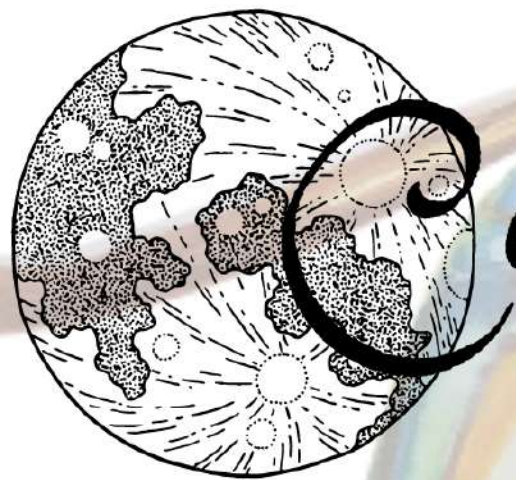
D) Duas pessoas iniciam uma conversa sobre um determinado assunto. Ao sinal “troca” do grupo, a pessoa que está falando deve mudar de opinião rapidamente. O jogo segue com o grupo dando sinais de “troca” no meio da história de forma aleatória. O objetivo é que as pessoas que estão improvisando ajam rapidamente sem interromper a conversa.

---



**Espaço cênico:** Lugar destinado para a representação de uma cena. É o local onde ocorre uma apresentação, podendo ser um palco, uma arena, um círculo, espaços abertos como a rua, entre outras várias possibilidades.

**Rubrica:** Indicações de cena ou estados emocionais, fora dos diálogos apresentados, dentro de uma dramaturgia.



# Capítulo 3



# *Mulan, a Guardiã do Fogo*

## **Personagens:**

*Maria, a Mula-sem cabeça*

*Francisca*

*Ana*

*Helena*

*Padre Carlos*

## **CENA 1**

*O espaço está escuro. Um vulto passa correndo várias vezes carregando uma tocha de fogo. Ouve-se barulhos de cascos de cavalo, depois esse som mistura-se com gemidos humanos, choros, gargalhadas e por fim um grito.*

*Voz em off: -Quem chegar por último é a mulher do padre!*

## **CENA 2:**

*Acendem-se as luzes. Na beirada da frente do espaço há uma mulher, Maria, sentada. Ela usa apenas um calção curto e um top. Ela se limpa com um pano, enrola pedaços de faixa em algumas partes do corpo e faz curativos em outras. Enquanto isso, um padre usando uma túnica preta entra em cena ao fundo, e fica de costas para ela, enquanto recita como se fosse a ladainha da missa.*

*Padre: “-De tudo que é nego torto, Do mangue, do cais, do porto, Ela já foi namorada, O seu corpo é dos errantes, Dos cegos, dos retirantes, É de quem não tem mais nada, Dá-se assim desde menina, Na garagem, na cantina, Atrás do tanque, no mato, É a rainha dos detentos, Das loucas, dos lazarentos, Dos moleques do internato, E também vai amiúde, Com os velhinhos sem saúde, E as viúvas sem porvir, Ela é um poço de bondade, E é por isso que a cidade, Vive sempre a repetir.”*

*(Blackout)*

### CENA 3

*Acendem-se as luzes. Entram em cena Ana, Helena, e Francisca de braços dados, carregando livros e dando risadinhas.*

Ana: -Vocês viram aquela tal Maria andando pela feira hoje? Estava péssima!

Helena: -Sim, eu vi, ela está sempre estranha, cara fechada e toda machucada.

Francisca: -Quem é essa que vocês estão falando?

Ana: -Uma mulher que mora aqui na vila há muito tempo, está sempre desganhada e mal vestida, ela é proibida de entrar na igreja, dizem que é uma (*abaixa o tom da voz*) prostituta.

Helena: -Não fale assim Ana, não sabemos da verdade. Minha mãe disse que ela estudava na mesma escola que ela antigamente. Dizem que ela vive sozinha em um sítio mais retirado daqui, apenas não deve ter família coitada. São tantos boatos...

Francisca: -Vocês sabem mais alguma coisa sobre ela? Não a conheço, fiquei curiosa...

Helena: -Infelizmente não, mas eu também queria saber, quem sabe até ajudar...

Ana: -Não seja boba Helena, vamos deixar esse assunto sem sentido pra lá. E vamos mudar para a mais nova notícia da vila. O Padre Antônio vai ser transferido.

Helena: -Ah fiquei sabendo. Até nem vai ter missa essa semana, não é mesmo?

Francisca: -Não vai ter mesmo. Até o curso de batizado foi transferido. Minha cunhada estava preocupada pois não queria batizar o Pedrinho tão tarde.

Ana: -Mas já nomearam um novo padre para a comunidade, e essa é a melhor parte da notícia. Ele chegou ontem e passou na prefeitura para falar com meu pai. E eu o vi. Vocês já o conheceram?

Helena: -Não. Mas o que tem demais? É só mais um padre.

Ana: -Mas não é qualquer padre. Ele é "O Padre".

Francisca: -O que está querendo dizer? Isso lá é jeito de falar de uma autoridade santa...

*(Entra em cena o novo Padre. Ele é bem jovem, e está andando pela rua)*

Padre Carlos: -Bom dia moças! Olá Ana, que bom vê-la novamente.

Ana, Helena e Francisca: -Bom dia! Benção Padre!

Padre Carlos: -Deus lhes abençoe.

Ana: -Olá Carlos, digo Padre Carlos. Precisa de alguma ajuda lá na Igreja?

Padre Carlos: -Ah sim, há bastante coisa para ser limpa e organizada. Se quiser passar lá mais tarde, haverá um grupo de voluntárias trabalhando.

Ana: -Será um prazer! Já conheceu a cidade?

Padre Carlos: -Não muito. Estou fazendo uma caminhada hoje para conhecer um pouco mais.

Ana: -Se precisar de alguma coisa, estou à disposição, será um prazer ajudá-lo.

Padre Carlos: -Isso seria ótimo Ana, digo, senhorita Ana. Agora preciso ir andando. Até mais moças, as vejo na Igreja.

Ana, Helena e Francisca: *(fazendo uma pequena reverência)* -Tchau Padre.

*(Padre Carlos sai de cena. Ana fica acenando com cara de boba)*

Helena: -Mas o que foi isso Ana? Você está louca?

Francisca: -Eu não gostei nem um pouco disso. Achei ele muito estranho. Me senti muito desconfortável.

Helena: -Nem eu. Viu o jeito que ele ficava nos olhando?

Ana: -Vocês estão exagerando. Ele só é jovem e simpático. E que culpa têm de ser *(fala baixo)* bonito?

Helena e Francisca: -Ana!!!

Helena: -Isso é coisa de se dizer? Isso é maneira de se comportar?

Ana: *(dá de ombros)* -Quer saber... eu não me importo! *(sai correndo de cena)*

Helena e Francisca: *(saem atrás dela)* -Ana!

*(Blackout)*

#### **CENA 4**

*Um foco de luz acende no centro do espaço. Nele Francisca está deitada dormindo, e se revira constantemente, inquieta na cama. Outros dois focos de luz acendem, um de cada lado do espaço. Em um deles está Ana, e no outro Padre Carlos. Eles estão se olhando. De repente, Padre Carlos e Ana olham para o foco de Francisca com malícia. Ela se mexe ainda mais agitada. Padre Carlos e Ana intercalam os olhares entre eles e em Francisca. A agitação e inquietude de Francisca aumentam. Eles abaixam-se lentamente, e quando tocam o chão, ambos soltam uma gargalhada maléfica e zombeteira. Nisso Francisca acorda e senta-se na cama emitindo um grito. Apagam-se os focos de luz de Padre Carlos e Ana. A luz do espaço acende totalmente.*

Francisca: *(passando as mãos nos cabelos, seca o rosto com uma toalhinha e bebe água respirando fundo)* -Foi só um sonho... Calma Francisca, calma... foi apenas um sonho... não é real... está tudo bem...

*(Blackout)*

## CENA 5

*Acendem-se as luzes. O cenário representa um confessionário de igreja. Padre Carlos e Francisca estão sentados de costas um para o outro. Ambos seguram terços nas mãos.*

Padre Carlos: -Não se aflija tanto. Isso é tudo que tens a confessar, ou queres dizer mais alguma coisa?

Francisca: (*baixinho*) -Na verdade, sim. Minhas amigas têm tido pensamentos luxuriosos, e sinto que acabei me afetando por isso. A luxúria tem interferido em meus sonhos, me fazendo ter pesadelos, e acordar no meio da noite... com... com o corpo suado, formigando... desculpe, estou muito envergonhada.

Padre Carlos: -Está tudo bem. Deus perdoará todos os teus pecados. Eu te absolvo, (*ambos fazem o "sinal da cruz"*) em nome do pai, do filho e do espírito santo...

Francisca: -Amém.

Padre Carlos: -Reze uma dezena do terço como penitência.

*Francisca abaixa a cabeça e começa a rezar baixinho, segurando as contas do terço entre os dedos. Aos poucos, lentamente, padre Carlos vai virando para olhar em direção a Francisca. Francisca percebe esse movimento e levanta a cabeça assustada. Padre Carlos estica a mão e toca o ombro de Francisca. Francisca levanta-se de um salto.*

Francisca: -Não! (*tosse nervosa*) Desculpe-me Padre, mas preciso ir agora mesmo. (*sai de cena*)

(*Blackout*)

## CENA 6

*Som de sino de igreja. Soam dez badaladas. Acendem-se as luzes. Francisca entra em cena sozinha, e vai andando. De repente um homem surge por trás dela, e começa a segui-la. Francisca percebe e acelera o passo tentando fugir. Dá algumas voltas pelo espaço. O homem continua seguindo-a sorrateiramente. De repente ela é encurralada na entrada da cortina do fundo. O homem agarra seu pulso. Francisca tenta se soltar, mas ele é mais forte que ela, e puxa-a para trás da cortina. (*Blackout*) Som de um grito. Seguido por choro e metal raspando. Para. Som de metal caindo ao chão. Os sons cessam.*



## CENA 7

*Acendem-se as luzes. Em cena estão sentadas no chão Francisca e Maria, de costas uma para a outra, porém com uma certa distância. Ambas têm no pé uma corda que liga uma à outra. Francisca está com o vestido rasgado, os cabelos soltos e despenteados cobrem seu rosto e ela chora silenciosamente. Maria usa a mesma roupa de sempre, com faixas e curativos. Fita o vazio à frente.*

*Aos poucos, começa a entrar em cena mulheres usando vestes vermelhas. Elas possuem o desenho de um triângulo com a ponta para cima pintado em vermelho na testa, e seu corpo lembra a forma de uma coruja. Uma por vez, entra e começa a cantar. Enquanto cantam deitam Francisca e começam a limpá-la e a vesti-la com uma roupa igual de Maria.*

“O povo queria matar uma mulher  
O padre não concordou  
E a rezou com muita fé (2x)

Mas ele era pecador  
E na fogueira queimou junto  
Foi parar lá no inferno  
Aquele casal de defunto

Ela se juntou das cinzas  
Gargalhou a luz da Lua

A mulher virou Mulambo  
E o padre Seu Tranca Ruas

Foi condenada  
Pela lei da inquisição  
Para ser queimada viva  
Sexta-feira da paixão (2x)

O padre rezava  
E o povo acompanhava  
Quanto mais o fogo ardia  
Ela dava gargalhada (2x)”

*Quando terminam, saem de cena. Francisca senta-se abraçando os joelhos. Maria vem e a abraça. As duas ficam sentadas no chão nesse abraço silencioso por alguns instantes. (Blackout).*

## CENA 8

*Acendem-se as luzes. Em cena, Francisca está amarrada em um “mastro”. Aos seus pés há lenhas. Em seu pescoço há uma corda pendurada, e sua cabeça está coberta por um “saco” de tecido transparente.*

Vozes de fundo: -CULPADA! OFERECIDA! IMPURA! SUJA! MALDITA! MONSTRO!  
AMALDIÇOADA! DEPRAVADA! INSOLENTA! BRUXA! MULA!

*Som de chocalhos que dura alguns instantes. O som é interrompido por uma batida forte. A luz apaga no mesmo instante da batida. Acende a luz. A roupa de Francisca está pendurada na corda. Embaixo as lenhas queimam.*

Voz de fundo: -Quem chegou por último, agora é mulher do padre!

*(Blackout)*

## **CENA 9**

*O espaço está escuro. Um vulto passa correndo várias vezes carregando uma tocha de fogo. Ouve-se barulhos de cascos de cavalo, depois esse som mistura-se com gemidos humanos, choros, gargalhadas e gritos. Uma pessoa entra em cena usando uma veste com capuz preta, carregando uma vela e um arco-e-flecha. Para na frente do espaço, coloca a vela no chão ao seus pés. Arma o arco, e mira-o no vulto com fogo. Lança a flecha. No momento que ela atinge o vulto, ouve-se um relincho e o fogo apaga. A vela também apaga. Acendem-se as luzes. No meio do espaço há um corpo caído no chão usando uma veste com capuz marrom. A pessoa que atirou a flecha vai até o corpo e o pega no colo. O capuz cai revelando o rosto de Francisca. Ela está bastante machucada e possui uma listra de sangue no pescoço. Do outro lado do espaço aparece outra pessoa não identificada usando uma veste preta igual a da primeira. Ela para ao fundo e observa.*

Pessoa não-identificada: -É ela?

Pessoa 1: *(tira o capuz e revela que é Maria)* -Sim. É a Mula.

Pessoa não-identificada: -Você conseguiu?

Maria: -Consegui. Ela está livre!

Pessoa não-identificada: -Isso é ótimo. Fico muito feliz e aliviada. Bom trabalho. Você sabe o que fazer agora *(sai de cena)*.

*Francisca vai acordando aos poucos, desorientada e com olhar assustado.*

Maria: -Calma... respira... está tudo bem agora *(Maria desenha um triângulo com a ponta para cima vermelho na testa de Francisca)*.

Maria: -Agora você se chama Mulan. E preciso que guarde um elemento muito precioso para nós.



# EXERCÍCIOS

## 1- Debatendo a temática.

→ Na dramaturgia que acabamos de ler podemos observar algumas temáticas.



*Questione: Quais são elas?*

### **Texto-sentido** (BOAL, 2020)

Um texto-sentido é a produção de uma resposta para uma pergunta por meio de uma obra de arte. A partir de uma questão lançada, pode-se criar como resposta qualquer tipo de manifestação artística (escrita, visual, audiovisual, cênica, musical, entre outras).



*Professor(a): Para contribuir com a discussão das temáticas desse capítulo, você pode utilizar a prática do texto-sentido de apoio. A questão a ser lançada para as produções artísticas e discussões pode ser retirada da própria dramaturgia anterior.*

---

## 2- Princípios de Encenação



A apresentação teatral de um conjunto de cenas torna-se um espetáculo ao qual chamamos de Encenação.

## Funções de cena

Todas as pessoas que trabalham na área do teatro são conhecidas como artistas da cena. Abaixo estão listadas as funções que podem ser exercidas dentro da arte da cena.

→ *Ator ou atriz*: É um(a) artista da cena que representa um papel, podendo ser de um personagem ou não.

→ *Encenador(a) ou diretor(a)*: Pessoa que organiza, orienta, conduz, e ensaia os atores/atrizes, a partir de técnicas de treinamento e atuação. Essa figura é responsável por ser um “olhar externo” da cena, e garantir que tudo está funcionando, assim como um maestro. Ele(a) toma as decisões gerais necessárias para o espetáculo.

→ *Designer de cena*: São um grupo de pessoas que ficam nos bastidores e tem a função técnica da encenação. São esses: cenógrafo, figurinista, sonoplasta, iluminador(a), técnicos gerais, maquiador(a), cabelereiro(a), entre outros(as).

→ *Produtor(a)*: Responsável pela organização externa, como: Inscrições em projetos, editais e festivais, divulgação do trabalho, comunicação do grupo, parte financeira e burocrática, contratação de profissionais, etc.

→ *Dramaturgo(a)*: É quem escreve dramaturgias para serem encenadas.

## Elementos de Cena

Todos os itens que podem ser usados para a criação de uma cena são chamados de “Elementos de cena”. Esses elementos fazem parte da dramaturgia da encenação. Uma encenação pode apresentar todos eles, ou apenas alguns deles.

→ Todo elemento escolhido para estar em cena deve ter uma justificativa, ou seja, cumprir uma função. Um elemento sem significado jogado na cena apenas por estar, deve ser repensado.

Exemplos de elementos de cena: *cenário, objetos cênicos, figurino, iluminação, sonoplastia, trilha sonora, etc.*



*Professor(a): Aqui é interessante promover uma pesquisa a mais sobre os elementos de cena. Uma sugestão é propor a criação de um portfólio onde os estudantes possam colocar o resultado de suas pesquisas, assim como anexar representações desses termos. Por exemplo: imagens, desenhos, pinturas, fotos, colagens, dobraduras, retalhos de tecidos, parte de materiais, entre outras manifestações artísticas.*

---

### **3- Trabalhando com os elementos de cena**



Para a realização dessa atividade, é necessário formar grupos de 2 a 4 pessoas. Cada grupo escolherá uma das dramaturgias apresentadas neste livro. Podem escolher quais e quantas cenas dela querem trabalhar.

Parte 1:

- Em uma folha sem linhas, desenhar um esboço de como o grupo imagina o espaço dessa cena. Como é o cenário? Quais são os objetos existentes na cena?
- Após todos os detalhes serem pensados e colocados no papel, o grupo deve selecionar materiais necessários para a produção de uma maquete (materiais recicláveis como: papelão, isopor, caixinhas, potinhos, tampinhas, retalhos de tecido, entre outros).

Com o material em mãos, e o esboço feito, é hora de começar o trabalho!

- Use um material para ser a base (papelão, plástico, isopor, etc). Qual formato ela vai ter? Terá lados como “paredes” ou não?
- Confeccione os objetos de cena usando os materiais necessários. Qual será o cenário? Terá móveis? Terá elementos naturais? Precisa de cortinas?
- Conforme a criação for andando, tudo deve ir sendo organizado, a fim de construir um modelo de cenografia da encenação.

Parte 2:

- Escolher alguns personagens da dramaturgia (não precisa ser todos).
- Em uma folha sem linhas, desenhar um esboço de como o grupo imagina a roupa e os adereços que essa personagem usa. Qual é o tecido do figurino dela? Qual é a cor? Qual é o material dos adereços? Usa sapatos? Usa algo no cabelo? Usa acessórios?

→ Depois de pronto o esboço, deve ser selecionado o material necessário para a confecção desse projeto (Dando preferência a materiais recicláveis).

Com o esboço e o material em mãos, é hora de começar o trabalho!

→ A partir do esboço, usando o material, construa em formato de miniatura, como o grupo imagina a composição do figurino dessa personagem. Será costurado, colado, amarrado? Quais são as possibilidades?

Parte 3:

→ A partir da maquete desenvolvida na parte 1, pense com o grupo onde e como essa cena deve ser iluminada. Será iluminação natural ou artificial? Será externa do cenário ou presente nos próprios objetos? (como um abajur, por exemplo) Quais são os pontos que precisam de luz e quais não precisam?

Dessa forma, o modelo de cenografia da encenação criado anteriormente começará a ganhar luz!

Parte 4:

Agora que já pensamos na cenografia, no figurino e na iluminação, é hora de criarmos possibilidades sonoras!

→ Primeiro, o grupo deve selecionar quais efeitos sonoros gostaria de colocar em cena. Som de vento? Som de água? Batidas?

→ Depois, pensar se irá utilizar alguma música, e como ela será produzida. Gravada? Tocada ao vivo? Com instrumentos convencionais ou inventados?

→ Partindo da mesma ideia de utilizar materiais recicláveis e reutilizáveis, selecione objetos que produzam algum tipo de som. Monte esses materiais a fim de criar um instrumento inventado. Explore o que esse instrumento consegue fazer (por exemplo, uma garrafa com arroz dentro produz sons diferentes de acordo com a velocidade do movimento das mãos).

→ Com a seleção em mãos e os instrumentos criados a disposição, é hora de compor a sonoplastia da cena.

O objetivo é que todos os elementos de cena juntos, deem vida ao projeto da encenação!



→ Outras atividades...



*Professor(a): A partir dos títulos guardados na flor do chapéu abaixo, incentive os estudantes a pesquisar essas lendas e pensarem, como eles contariam essa história? Essa atividade pode ser escrita, e também levada adiante e experimentada em cena. Permita que os estudantes explorem a criatividade e imaginação.*

### ***Como você contaria uma história?***

→ Dentro da flor do chapéu abaixo, é possível encontrar títulos de outras histórias do folclore brasileiro que não aparecem neste livro. Abra-a e descubra!

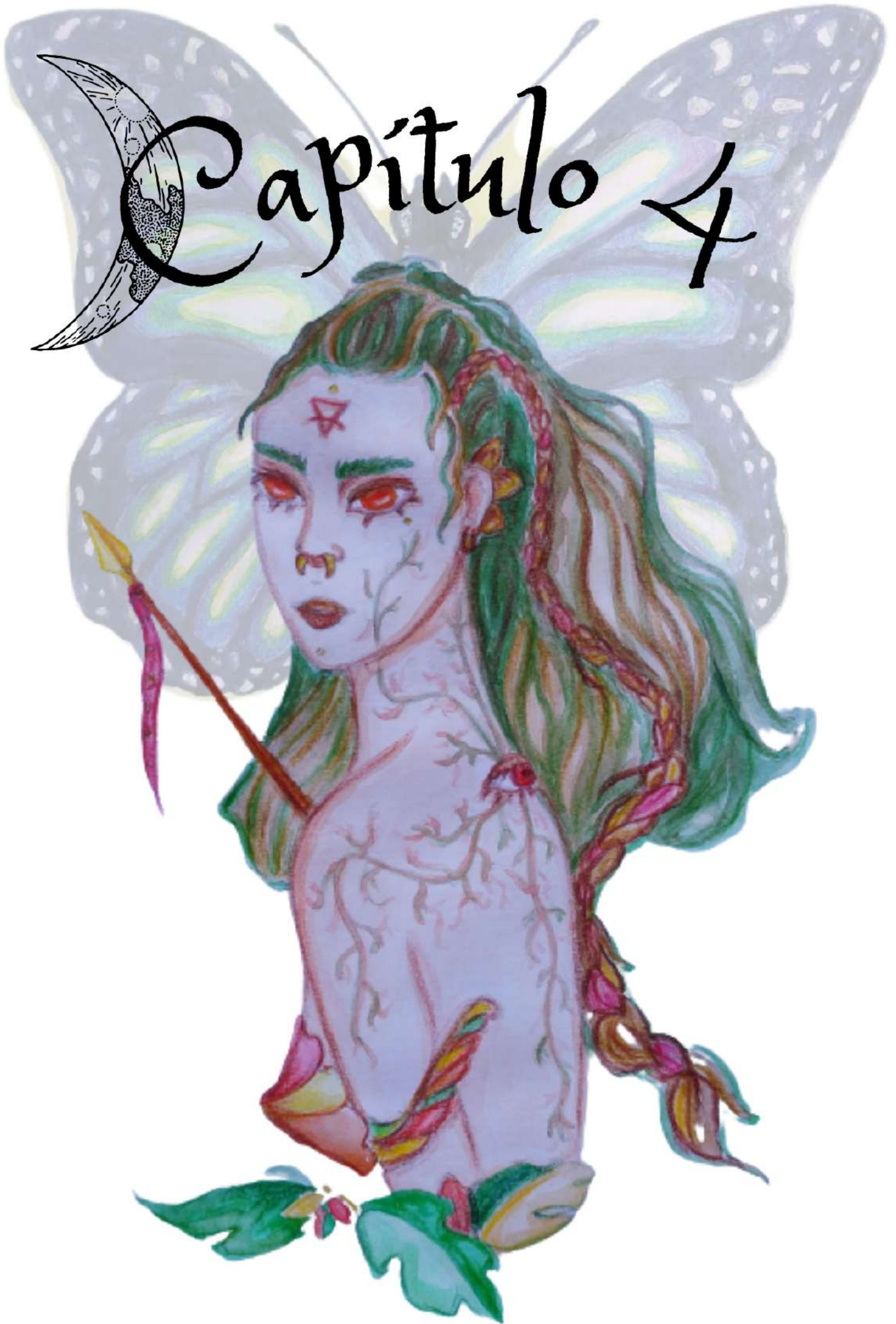


## **OUTRAS LENDAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS:**

- O Boto-cor-de-rosa
- O Saci-Pererê
- O Negrinho do Pastoreio
- O Boitatá
- Bumba meu Boi ou Boi Bumbá



# Capítulo 4



# Caipora, a Protetora da Terra

## *Personagens*

*Caapora jovem*

*Mãe de Caapora*

*Pai de Caapora*

*Guia espiritual*

*Caçador 1 e Caçador 2*

*Pessoas moradoras do lugar*

## **CENA 1**

*O cenário representa uma floresta. Há muitas árvores e plantas. Há também sons característicos de mata. Nessa floresta vive uma comunidade. (Luz vermelha)*

*Vozes ao fundo: -Vamos, estamos quase lá, só mais um pouco de força (gritos) Já consigo ver, está vindo (grito prolongado) Isso! (choro de bebê) É uma menina! (Sai a luz vermelha)*

*O Guia Espiritual entra em cena usando uma veste marrom. Está segurando um bebê. Para ao centro do espaço e a ergue para o alto.*

*Guia: -A filha do líder nasceu! (sai de cena)*

*Várias pessoas moradoras do lugar entram em cena, cantando e dançando, fazendo uma festa.*

“Mamãe Terra é dona do ouro e da  
cachoeira  
Mamãe Terra é fertilidade, ela é o amor  
(2x)

Água doce é sua pele  
É seu reino e seu lar  
É faceira e dengosa  
A rainha do nosso lar (2x)

É prosperidade, aiê êo  
É aconchego, aiê êo  
É semente que brota  
E se transforma em linda flor (2x)

É fecundidade, aiê êo  
Tu és beleza, aiê êo  
Salve, grande mãe  
Terás sempre meu amor (2x)”

*No meio da festa entra um casal composto por um homem e uma mulher. Eles possuem na testa, o desenho de um triângulo verde de ponta para baixo com um traço no meio. Usam vestes brancas e flores na cabeça. Seguram no colo uma bebê. Atrás deles vem o Guia Espiritual que segura uma cesta e um ramo nas mãos. Todas as pessoas giram ao redor deles dançando e batendo palmas.*

“-Mamãe Terra é dona do ouro e da cachoeira  
Mamãe Terra é fertilidade, ela é o amor (4x)”  
*(param e sentam ao chão)*

Guia: *(dando um passo à frente)* -Hoje o Povo da Terra está em festa. Nasceu a primogênita de nosso líder. Neste momento comemoramos, e convidamos os espíritos de nossos ancestrais e os espíritos de luz para abençoá-la e protegê-la em sua nova vida.

*A mãe e o pai da criança sentam em um banco. O guia se aproxima da criança retirando objetos da cesta.*

Guia: -Com a benção da mãe-terra e por meio de seus tesouros, te consagramos. *(retira um incenso da cesta, acende e passa em torno do corpo da bebê)* -Pelo ar. *(retira uma vela, acende e passa em volta da bebê)* -Pelo fogo. *(retira um pote com água e passa na cabeça e mãos da bebê)* -Pela água. *(retira um pote com terra e passa na cabeça e nos pés da bebê)* -Pela terra. *(retira um pote de tinta verde, para e olha para a mãe)* -Qual é o nome dela?

Mãe: -Caapora.

Pai: -Significa habitante do mato.

Guia: *(desenha na testa da bebê um triângulo verde de ponta para baixo com um traço no meio)* -Te declaro, Caapora, do Povo da Terra!

*Todas as pessoas levantam em comemoração e jogam folhas para o ar. (Blackout)*

## **CENA 2**

*Acendem-se as luzes. Entram em cena dois caçadores, carregando espingardas.*

Caçador 1: -Oh época boa pra pegar uns porcos do mato! E outros bichos também. Se atente que aqui deve tá cheio deles.

Caçador 2: -Será que foi uma boa ideia ter vindo até essa parte da mata? Reza a lenda que quem entra nesses lados nunca mais volta...

Caçador 1: -Deixe de ser medroso e ficar acreditando em história de curupira. Seja mais corajoso, homem!

Caçador 2: -Mas é que nunca se sabe, pode ter gente morando por perto também e ver a gente, se nos pegam estamos ferrados você sabe...

Caçador 1: -Ah cale a boca! Se formos espertos podemos pegar uma caçada boa e ganhar muita grana. Agora fique quieto!

*Os dois andam sorrateiramente. Ouve-se vários sons de animais na mata. De repente alguém passa correndo ao fundo. Os caçadores ficam alertas. O vulto passa novamente. Eles param. Miram as armas. Quando percebem o vulto pela terceira vez, disparam vários tiros.*

Caçador 1: -Acertei ele! Vamos lá, acho que pegamos um dos grandes!

*Os dois vão para o fundo do espaço e se aproximam do resultado de sua caçada. Porém ficam apavorados.*

Caçador 2: -Isso aí não é bicho, não! *(sai correndo)*

Caçador 1: -Desgraça! Isso não é bicho mesmo, é gente! Mas que raios tava fazendo por aqui?! *(sai de cena)*

*(Blackout)*

### **CENA 3**

*Acendem-se as luzes. Em cena, a mãe e o pai de Caapora estão sentados abraçados e preocupados. O guia espiritual entra em cena, eles levantam rapidamente.*

Pai: -E então? Alguma notícia?

Mãe: -Acharam nossa menina?

Guia: -Sim, achamos. Mas não trago boas notícias. *(abaixa a cabeça)*

*Entra em cena um homem morador do lugar carregando uma jovem nos braços. A mãe de Caapora sai em disparada em direção ao corpo da menina. O homem larga-a no chão e a mãe a abraça, chorando em prantos, ela grita desesperada. O pai de Caapora vai até elas e as abraça em lágrimas. Esse momento dura alguns instantes. Apenas silêncio e o som do sofrimento da perda de uma filha.*

Pai: -QUEM FEZ ISSO? O culpado por essa morte há de pagar com a própria vida!!!

Guia: -Acalme-se líder, sei que não é um momento fácil, mas fazer justiça com as próprias mãos não é o caminho certo.

Pai: -E o que eu vou fazer agora?!

Guia: *(fazendo sinal para o outro homem sair de cena)* -Ouça, eu consultei os espíritos, conversei com os Deuses e pensei muito sobre tudo isso. Ela mesma vai fazer a vingança acontecer. Há algo que pode ser feito por nós. Uma coisa que irá cumprir com o destino e a missão de Caapora aqui na terra.

Mãe: -E o que poderia ser feito depois de tudo isso?

*O guia aproxima-se dos pais, abaixa-se e sussurra algo para eles. (Blackout)*

#### **CENA 4**

*Acendem-se as luzes. Em cena, Caapora está deitada em uma cama de folhas e flores.*

*O guia faz desenhos com terra molhada pelo seu corpo enquanto recita sussurrando.*

Guia: “-Para a lenda, a medonha caipora,

Amedronta todos homens caçadores,

Para muitos ela é somente agora,

Aquela que põe freio nos matadores.

Pode até ser pequena,

Com um olho bem no meio da testa,

Atravessa a mata, seu terreno

Guiada pelo espírito selvagem faz festa.

É ágil de baixa estatura,

Mulher de vasta cabeleira,

Tudo lhe é uma grande aventura,

Vendo, fuja logo numa só carreira.

Está associada a vida da floresta,

Uma guardiã de toda vida animal,

Tira sossego de quem os molesta,

Para todo aquele que os trata mal.

Afugenta a toda e qualquer presa,

Espanta os cães mais farejadores,

Luta muito por toda presa indefesa,

Desorientando sempre os caçadores.

Simula os ruídos dos animais da mata,

Assobia, estala galhos, dá falsas pistas,

Não deixa que o homem a caça abata,

Deixando os caçadores bem pessimistas.  
Domingos, dias santos e sexta-feira,  
São dias que não deve sair para a caça,  
Não se meta na mata, não faça asneira,  
A presença dela só lhe trará desgraça.  
Mas para driblá-la existe um meio,  
Pois Caipora aprecia muito o fumo,  
Na noite de quinta-feira, sem receio,  
Dê também cachaça pro seu consumo.  
Fêmeas grávidas não deve perseguir,  
Nem todos filhotes de forma mortal ,  
Pois estes animais não vai conseguir,  
Jamais trate a fauna de forma brutal.  
Para obter uma grande caçada,  
Oferte o fumo sem grande demora,  
Diga antes de qualquer empreitada:  
"Toma, Caipora, deixa eu ir embora".

*O guia sai de cena. E as pessoas vão entrando aos poucos, lentamente, carregando cestas de oferendas que deixam junto ao corpo de Caipora, enquanto cantam.*

“-Eu vi ela assobiar, Caipora vai chegar,  
Eu vi ela assobiar, Caipora vai chegar,  
Mora na mata êh, protege a mata áh,  
Caipora cuida da mata, a mata é seu lar  
Ela é da Terra êh, ela é da Terra áh,  
Todo o povo da Terra, ela mandou chamar” (2x)

*Todas as pessoas saem de cena. Então Caipora, agora Caipora, levanta-se sentando-se em sua cama puxando fortemente o ar. (Blackout)*

## CENA 5

*Em cena, dois caçadores andam as espreitas apontando suas espingardas para todos os lados. Ouvem vários sons estranhos de animais. De repente, veem um vulto correndo, várias vezes. Ouvem risadas. Eles ficam muito assustados, fazem o sinal da cruz e se preparam para fugir, quando escutam um assobio e ficam paralisados. Então, duas flechas voam, seguidas uma da outra, e os acerta, fazendo-os cair no chão, sem vida.*

*(Blackout)*

*Acende a luz. Os corpos não estão mais ali. Em cena, Caipora encontra um passarinho morto, pega-o entre as mãos, assopra, leva as mãos com o passarinho ao peito, fecha os olhos, e então solta o passarinho, agora com vida. (Blackout)*

*Acendem-se as luzes. Em cena há uma pessoa não identificada usando uma veste com capuz preta. Ela prepara uma oferenda para Caipora. Quando termina assobia alto e longamente. Uma ventania invade o espaço. Caipora aparece.*

Pessoa não identificada: -Olá Caipora. Preciso que proteja algo para nós.

*(Blackout)*



# EXERCÍCIOS

## 1- Debatendo a temática.

→ Na dramaturgia que acabamos de ler podemos observar algumas temáticas.



*Questione: Quais são elas?*

---

## 2- O Teatro Brasileiro.



Você conhece ou já ouviu falar sobre o teatro brasileiro?  
É o melhor lugar para criarmos sobre nossas histórias,  
que são conhecidas como parte do folclore do Brasil.  
Vamos lá que eu apresento para você.

Primeiro, é importante comentar que, quando fala-se em teatro brasileiro e seu início, temos como referência o Teatro Jesuítico, mas é importante pensar que, esse marco é um registro histórico que nos chega por meio de pesquisas no momento atual contemporâneo. É interessante refletir que, quando os portugueses chegaram até nossa terra e iniciaram o processo de colonização, aqui já haviam habitantes, conhecidos hoje como indígenas ou povos originários. Portanto, há de se acreditar que, muito provavelmente, já havia aqui práticas e manifestações que conversavam com a linguagem teatral, mesmo que não designado ou nomeado com esse termo.



Carvalho comenta sobre esse marco histórico, que

*“Seria erro, porém, supor que, antes dos jesuítas, não tivesse havido teatro no Brasil. [...] Por outro lado, não há dúvida de que as primeiras peças de que se tem notícia foram escritas pelos jesuítas, razão por que se consideram marco inicial do teatro no Brasil as representações levadas a efeito pelos catequistas. (SOUSA 1960, p. 85 Apud CARVALHO, 2015, p. 8)”*

Pode-se fazer um paralelo com a própria história do teatro mundial, que tem como marco histórico inicial a Grécia, mas que não foi ali exatamente que nasceu o “Teatro”, mas sim, surgiu o “Teatro Grego”. A linguagem do teatro existe há tanto tempo quanto a humanidade, então esse pensamento apresentado produz sentido enquanto reflexão social e artística.



Agora, para continuarmos, apresentarei o seguinte texto, que falará um pouco sobre esse início e as primeiras manifestações teatrais no país.

### **O Teatro Jesuítico e a teatralidade do século XVI no Brasil**

Historicamente falando, o Teatro no Brasil surge juntamente com a própria nacionalidade do país. As manifestações teatrais que começam a ocorrer no Brasil a partir desse século, tem uma ligação quase que direta com os movimentos advindos da Europa, assim como, por exemplo, o Teatro de Catequese, vindo de Portugal, o qual será comentado neste momento.

Segundo Prado, o teatro enquanto espetáculos amadores e de fins religiosos começa com a vinda dos jesuítas para o Brasil, nas recém fundadas Companhias de Jesus, com o objetivo de catequizar os indígenas. Porém, para comentar-se sobre um teatro mais profissional, Prado afirma que, *“Se, no entanto, para conferir ao conceito sua plena expressão, exigirmos que haja uma certa continuidade de palco, com escritores, atores e público relativamente estáveis, então o teatro só terá nascido alguns anos após a Independência, na terceira década do século XXI.” (PRADO, 2012, p.21)*

Por volta de 1552, os padres jesuítas trazem de Portugal alguns projetos, que de acordo com Prado, tinham como finalidade, realizar representações escolares que reafirmassem o ponto de vista católico, e dessem aos alunos dos colégios a oportunidade de praticar o latim.

*“A precariedade cultural do Brasil, todavia, nesses bravios tempos de colonização em que os próprios idiomas europeus podiam figurar como estrangeiros, levou os responsáveis pela Companhia a transigir, admitindo em seus espetáculos, ao lado do português e do espanhol, até mesmo o tupi, ou língua geral, a única capaz de atrair aquela porção do público, a indígena, que mais interessava aos jesuítas conquistar.” (PRADO, 2012, p. 21)*

Prado elucida que, em 1567, o teatro vai expandir-se, quando o Padre José de Anchieta, representa em São Paulo de Piratininga, a peça “Pregação Universal”, a qual não foi conservada, não existindo mais que duas estrofes. *“Entre esse modesto início e final do século, alguns historiadores, valendo-se de referências passageiras, chegam a enumerar 25 espetáculos, incluindo-se neles peças e simples diálogos, montados pelos jesuítas.” (PRADO, 2012, p. 21)*

Carvalho converge com Prado em seu discurso, citando que ainda hoje torna-se difícil entender as manifestações que ocorrem no Brasil no período colonial, devido à escassez de documentos, e também devido a uma visão esteticista e dramática do teatro. *“Grande parte do que poderia ser considerado teatro entre os séculos XVI e XVIII é simplesmente ignorada pela historiografia por não ter ocorrido na forma dialógica de uma ‘peça’.” (CARVALHO, 2015, p. 7)*

A manifestação do Teatro Jesuítico, mesmo com uma condição amadora e de instrumento religioso, é levada em consideração pela história devido a sua cena de caráter literário. Carvalho aponta que Anchieta é visto como a figura de um primeiro dramaturgo, um escritor incomum de obras de poesia épica, lírica, e dramática, mesmo diante de condições adversas, enfrentando uma cultura onde as formas europeias estão sendo modificadas em vista das condições da colônia nascente.

*“Para o historiador do teatro, contudo, a inclusão das peças de Anchieta no cânone gera problemas de toda ordem. Em primeiro lugar, quer queira ou não, será obrigado a reconstituir uma dimensão cênica perdida sem a qual aqueles autos não fazem sentido. Seu conceito de teatro terá que ser problematizado, aproximando-se de um campo que alguns teóricos já chamaram de teatralidade: terá que pensar a relação do documento com manifestações culturais e de cena não previstas pelas palavras e poderá ser levado a*

*considerar como “teatrais” um conjunto de manifestações que antes identificaria apenas como parateatrais.” (CARVALHO, 2015, p. 8)*

Segundo Carvalho, Prado faz uma análise prévia de elementos “escassamente teatrais” antes de encontrar sua suposta “cena genuína de teatro”. Prado quando aborda questões acerca do Teatro de Catequese, ou Teatro Jesuítico, do período colonial no Brasil, do século XVI, aponta algumas características dessa manifestação. Pode-se observar as seguintes: O teatro como parte de uma festa maior, que mesmo sendo religiosa tem lados profanos e divertidos; Constante deslocamento no espaço (como nas festividades indígenas), com algumas paradas para diálogos durante a “procissão”; Figuras simbólicas (Anjo, Diabo, etc); Cenário natural; Papéis interpretados pelos alunos e também por indígenas; O diabo como fonte de comicidade; Comunicação sensorial: uso de músicas e danças, com instrumentos indígenas de sopro e percussão; Aspecto lúdico, entendido como jogo, brincadeira, porta imaginária.

De acordo com Carvalho, a história enfrenta algumas hipóteses críticas, tanto ideológicas, formais, ou produtivas, quando quer somente descrever as teatralidades coloniais que poderiam ocorrer somente no âmbito amador, estando ligadas à uma dinâmica social onde a modalidade do espetáculo (religioso e público) dependia de formações culturais não especializadas.

*“Até o início do século XIX, a modernidade dos fenômenos teatrais na colônia passava longe de um sistema aristocrático ou mercantil de entretenimento, com suas casas de espetáculos, elencos estáveis, especialização em tipos e definição de repertório de acordo com gêneros do palco. Estava, como quase sempre esteve, impossibilitada de absorver um conjunto de autores nativos interessados na representação de temática nacional através da forma dramática.” (CARVALHO, 2015, p. 8)*

Quando procuramos na história, pesquisas sobre os caminhos do teatro ao longo do tempo, conseguimos voltar nossos olhares e pensamentos para entender muitos momentos, alguns mais específicos. Quando observamos os registros do início do teatro no Brasil, começamos a compreender os rumos que o mesmo tomou adiante, e os lugares onde chegou e está hoje na contemporaneidade. Conseguimos observar a teatralidade presente em nossa cultura e em várias manifestações atuais, como o Carnaval com seus desfiles alegóricos, ou até de forma mais intimista, a realização de uma cerimônia religiosa, como uma missa, batizado, romarias, festas, etc. Quanto mais adentrarmos nos elementos e acontecimentos que guiam a história do Teatro Brasileiro, mais saímos do senso comum e entendemos as dimensões territoriais e culturais de nossa nação. Não podemos reduzir o Teatro Brasileiro a uma forma teatral de apenas uma região. O Teatro Brasileiro é formado por vários “teatros”,

que acontecem e vivem de norte a sul. E assim exercemos nosso respeito, e pensamento crítico a cada especificidade regional, histórica, social e artística.

---



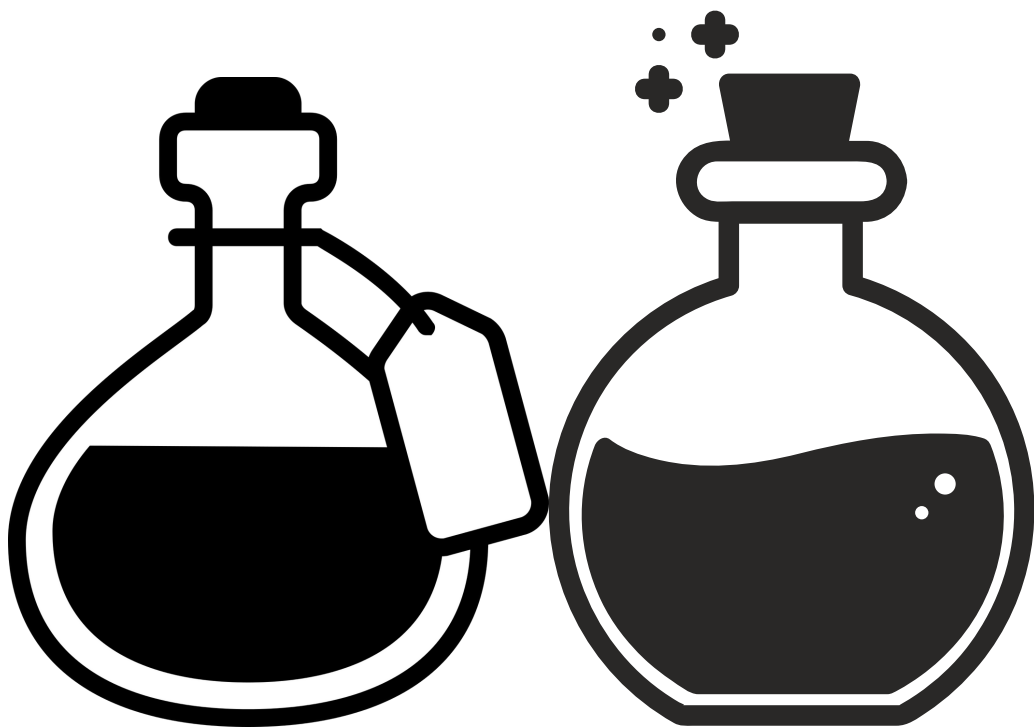
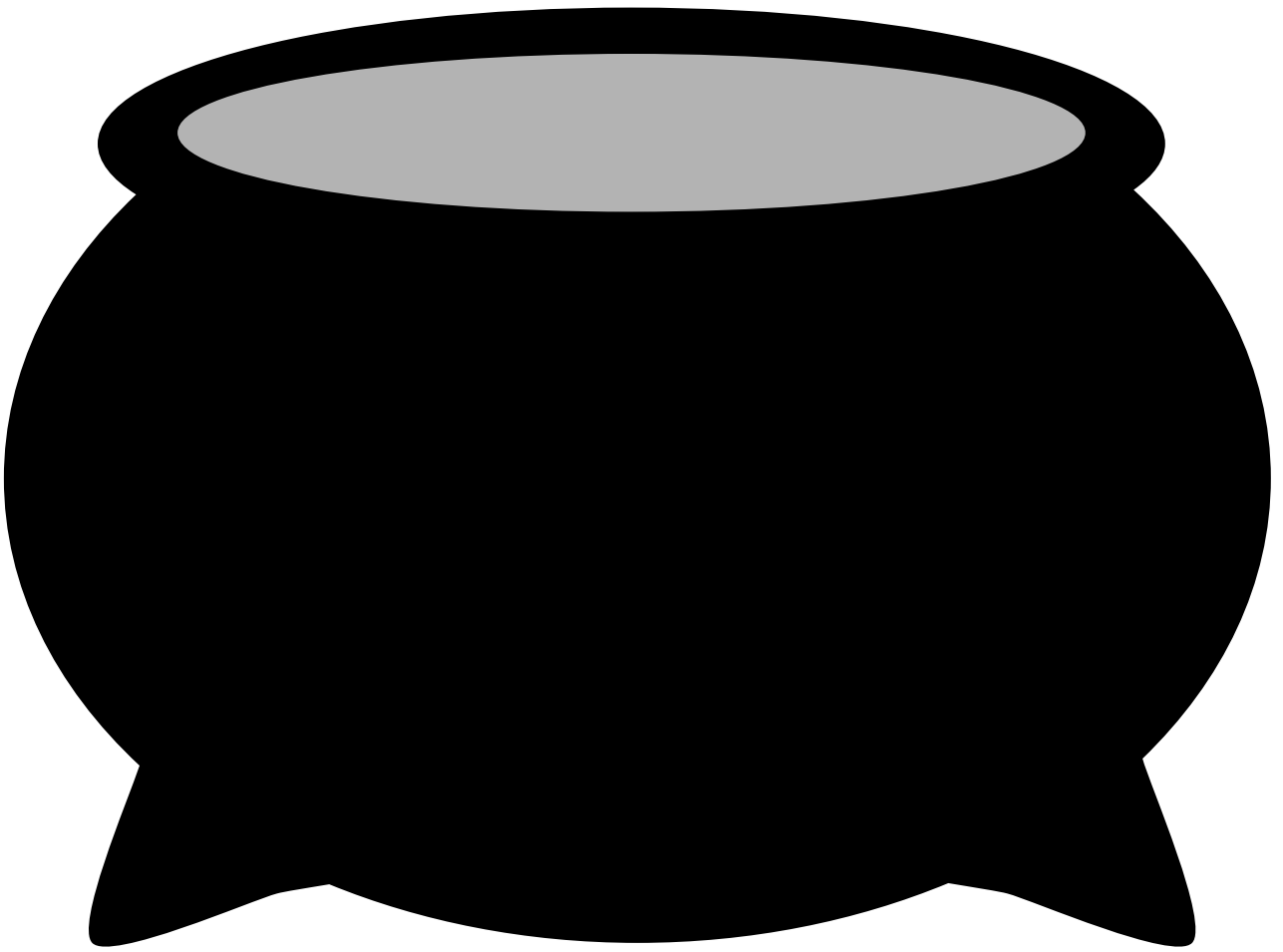
Muito bem!  
Mas, e depois?  
O que aconteceu e vem acontecendo  
na história do teatro em nosso país?

Para continuarmos, é importante entender que a história é um fenômeno. Nem sempre seguindo uma linha reta, e muitas vezes dando voltas e voltas. Para falarmos sobre a história do Teatro no Brasil, imagine assim: Cada década ou cada acontecimento é um ingrediente. Ao passo que vamos conhecendo-os, conseguimos ir visualizando aos poucos um bolo se formando. Tudo que se criou enquanto arte da cena desde 1500 até hoje, o século XXI, forma esse grande caldeirão que é o Teatro Brasileiro!

→ **Para saber mais, abra meu caldeirão!**



*Professor(a): Dentro do caldeirão, há alguns enunciados sobre a história do teatro. Incentive os alunos a pesquisar sobre esse tema e promova rodas de conversa. Em seguida, cada pote de poção contém uma data e um lugar que também formarão um tema de pesquisa. Sirva-se da história para compor uma aula de teatro.*



## **TÍTULOS:**

- O teatro e cultura indígena
  - As manifestações cênicas nas festas públicas e casas de ópera no século XVIII
  - O teatro negro (TEN)
  - O romantismo e a comédia de costumes no século XIX
  - O realismo e o teatro sério no século XIX
  - O teatro de entretenimento: Teatro popular e os gêneros alegres do século XIX-XX (teatro musicado, teatro de revista, burleta, opereta, mágica)
  - Teatro moderno no século XX
  - Teatro político, teatro de resistência, teatro Experimental, e teatro da militância no século XX
  - O teatro do estudante
  - O metateatro: teatro e metalinguagem
  - Teatro contemporâneo a partir dos anos 90
- 
- Datas: 1500, 1600, 1700, 1800, 1900, 1910, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2010, 2020.
- 
- Regiões: sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e norte.



Epilogo

## *Éter, a união de todas nós*

*O cenário é o gramado de uma casa. Tudo está decorado com luzes, abóboras com velas, morcegos, teias de aranha, fantasmas, monstros, gatos pretos, caldeirões, chapéus de bruxa, e faixas e bandeirolas nas cores laranja, preto e roxo. Há uma mesa comprida cheia de comidas, frutas e doces, como bolo, milho, maçã, romã, e bebidas como vinho e chá de ervas. No ar sente-se o aroma de incensos de sálvia, maçã e noz-moscada. Ouve-se o som do vento batendo em enfeites de pedras de vidro. Está tudo preparado para as festividades do sabá de Samhain (lê-se Souein). Entra em cena uma pessoa não identificada. Ela veste uma capa preta com capuz, e para de costas no centro do espaço.*

Pessoa não-identificada: -Vocês já podem sair e parar de se esconder. São minhas convidadas. Eu estou esperando-as.

*Pelos lados, do meio de algumas árvores surgem Cuca, Iara, Mulan e Caipora, desconfiadas vão andando devagar. A pessoa não-identificada vira-se de frente.*

Pessoa não-identificada: -Sentem-se, fiquem à vontade. É um prazer receber as quatro lendas guardiãs das quatro jóias da natureza. Comemorem. *(A pessoa não-identificada tira o capuz)*  
É época de Samhain!

*A pessoa até agora não identificada possui cabelos curtos, metade rosa e metade azul, e usa um chapéu pontudo. Ela tira a capa preta, revelando asas de borboleta, e um vestido roxo de fada. Senta-se na grama junto com as outras quatro personagens.*

Cuca: -Finalmente! Depois de todo esse tempo estou finalmente conhecendo quem se esconde por baixo desse capuz e anda esgueirando-se atrás de nós.

Iara: -Podemos então finalmente saber quem é você?

Éter: -Eu sou a Bruxa-fada-borboleta, e sou contadora e guardadora de histórias. Mas, podem me chamar de Éter. Esse é meu nome verdadeiro.

*(Todas ficam espantadas, algumas riem de nervoso.)*

Mulan: -Eu já ouvi falar sobre você. Mas achei que não existisse de verdade. Achei que era só uma lenda.



Éter: -Querida, todas as lendas são verdadeiras. Basta olhar para elas. Estão bem aqui. Eu existo. Assim como vocês existem. Assim como outros existem. Assim como suas histórias são reais, a minha também é.

Caipora: -Bom, e o que significa tudo isso?

Éter: -Certo, vamos lá, chega de mistérios. Vocês foram escolhidas para defender, cuidar, guardar e proteger os quatro elementos. A alma deles está contida nessa jóia que entreguei a cada uma de vocês. Estamos passando por um momento difícil em nossa terra, em nossa nação. E as quatro jóias estão em risco de extinção. Nós estamos em risco de extinção. Haverão muitas batalhas nas quais teremos que lutar. Mas não tenham medo. E é por isso que fui até vocês.

Cuca: -E o que estamos fazendo aqui agora?

Éter: -Nós estamos passando pelo encerramento de um ciclo agora. É também o ano novo celta. Eu cumpri minha missão e passei por mais uma fase de minha metamorfose. A partir de agora todas nós estaremos juntas, seguindo nossos caminhos e cumprindo outras missões. É um momento para celebrar. Nós conseguimos. É um dia de festa!

Iara: -Isso tudo que você diz é tão maravilhoso! Não me sinto mais sozinha, pelo contrário, me sinto mais forte.

Éter: -É que vocês estão ganhando vida.

Mulan: -Isso parece magia! É como se eu finalmente me sentisse completa.

Éter: -Bom, talvez seja mesmo magia. Se você acreditar que sim.

Caipora: -Nossa, eu tenho tantas perguntas! Sinto que temos tanto para conversar. Teremos tempo?

Éter: -Teremos todo o tempo do mundo. Mas neste momento precisamos fazer uma pausa, pois já estamos no final dessa história. Vamos, venham! Vamos comer, beber, dançar e festejar o Samhain!

*(Todas levantam-se).*

Caipora: -Mas, o que é Éter?

Éter: -Bom, é a união de todas vocês.

*(Blackout)*

*(Volta a luz. Todas as personagens estão dançando e cantando em comemoração)*

“Canta meu povo, canta com muita alegria  
Que essa folia não tem hora pra acabar  
Cheguei meu povo, pra cantar com alegria  
Nessa folia, cheguei pra comemorar

Você chegou pra alegrar o dia  
Você chegou pra nos trazer alegria  
Nós "somo" como tu  
Somos da mesma família  
Nós "somo" como tu  
"Somo" da mesma família

Você chegou pra alegrar o dia  
Você chegou pra nos trazer alegria  
Nós "somo" como tu  
"Somo" da mesma família  
Nós "somo" como tu  
"Somo" da mesma família  
  
Vem pra cá vem dançar  
Vem pra cá festejar  
Vem pra cá vem dançar  
Vem par cá festejar”



*Professor(a): Caso seja de seu interesse fazer a montagem de alguma das dramaturgias apresentadas nesse caderno, é importante saber que as indicações de cena, como as luzes por exemplo, são apenas sugestões, e dependem da estrutura que dispõe e das escolhas que você achar mais pertinentes ao trabalho.*

→ *Você pode encontrar as músicas citadas ao longo do caderno em uma playlist no aplicativo Spotify, pesquisando pelo nome “Isso não é um conto de fadas: caderno didático de teatro”, ou pelo link:*

*[https://open.spotify.com/playlist/3SnUFzqOtD45kKEGqCLCzB?si=4f0J1zjTRCmuePgs30ivpg&utm\\_source=copy-link](https://open.spotify.com/playlist/3SnUFzqOtD45kKEGqCLCzB?si=4f0J1zjTRCmuePgs30ivpg&utm_source=copy-link)*



***Boa jornada! E que a força esteja com você!***

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARVALHO, Sérgio de. **Teatro e sociedade no Brasil Colônia: a cena jesuítica do Auto de São Lourenço**. *In*: Revista Sala Preta, PPGAC, ECA-USP, vol 15, n. 1, 2015. P. 06-53.

FARIA, João Alberto. **História do Teatro Brasileiro, volume 1: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX**. São Paulo: Perspectiva, Edições SESCSP, 2012.

FARIA, João Alberto. **História do Teatro Brasileiro, volume 2: do modernismo às tendências contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, Edições SESCSP, 2013.

INSTITUTO AUGUSTO BOAL. **Feira de Opinião 34 - Mês em Homenagem a Augusto Boal**. YouTube, 16 mar. 2021. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=152s\\_79DBhM](https://www.youtube.com/watch?v=152s_79DBhM)> Acesso em: 07/02/2022.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PRADO, Décio de Almeida. **As raízes do teatro brasileiro**. *In*: FARIA, João Alberto (direção). **História do Teatro Brasileiro, volume 1: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX**. São Paulo: Perspectiva, Edições SESCSP, 2012. P. 21-37.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TUDELLA, Eduardo. **Design, cena e luz: anotações**. 2012. Disponível em <<https://spescoladeteatro.org.br/caderno-de-luz/arquivos/01.pdf>> Acesso em 07/02/2022.

VIOLETA, Gabi. **Naturalmente Bruxa**. São Paulo: Planeta, 2019.

## REFERÊNCIAS DRAMATURGIAS

BATISTA, Sérgio Eglín. A Caipora. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/poesias-regionais/3102693>> Acesso em: 07/02/2022.

CHICO BUARQUE. Geni e o Zepelim. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais Ltda, 1978. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KQn7UxB3HJQ>> Acesso em 07/02/2022. (Duração 5:20)

CIDADE INVISÍVEL. Criador: Carlos Saldanha. Direção: Júlia Pacheco Jordão e Luis Carone. Brasil: netflix, 2021. (1 temporada) Disponível em <<https://www.netflix.com/title/80217517>> Acesso em: 07/02/2022.

JULIANA D PASSOS E A MACUMBARIA. Ponto de Oxum - Mãe do Amor. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vn-Fqj7TK8s>> Acesso em: 07/02/2022. (Duração 3:01)

JULIANA D PASSOS E A MACUMBARIA. Ponto de pombo gira de Maria Mulambo - Lei da Inquisição. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GxneM17gB2U>> Acesso em: 07/02/2022. (Duração 3:41)

MILTON NASCIMENTO. A Iara. Rio de Janeiro: Nascimento Edições Musicais Ltda, 2006. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=c4TgI80CgG8>> Acesso em: 07/02/2022. (Duração 3:19)

SECOS&MOLHADOS. Sangue Latino. Rio de Janeiro: Continental, 1973. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BliqScxpNRs>> Acesso em: 07/02/2022. (Duração 2:11)

UMBANDA. Ponto de Oxossi - Eu vi meu pai assobiar. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VJjZCiFTC3Y>> Acesso em 07/02/2022.